

14 DEPOSITO LEGAL
3 MAR 1941

MUNDO GRÁFICO

227



Portugal
consagra em
Salazar
oito séculos
da sua
História



ACTIVIDADES BRITÂNICAS NA MADEIRA

Vem de há muito, e tem-se acentuado constante e progressivamente, a preferência dos ingleses pela Ilha da Madeira, a Pérola do Atlântico, um dos mais aprazíveis recantos do Universo. Foram bastante numerosas as famílias desta nacionalidade que ali se estabeleceram, algumas das quais há mais de um século, e que muito têm contribuído para a vida económica local.

São várias as empresas britânicas que ali estão exercendo a sua acção nos vários ramos industrias e comerciais. E em tempos normais a corrente turística inglesa sobrelevava a de todos os demais países sendo também muito importante, tanto pela qualidade, como pela quantidade; a colónia britânica que ali ia passar a estação de inverno aproveitando o seu privilegiado clima.

Estas circunstâncias justificam as notas cuja publicação vamos hoje iniciar, destinadas a pôr em devido destaque as mais importantes dessas actividades de entre as quais avultam três nomes que muito as têm prestigiado, os de Hinton, Leacock e Blandy.

William Hinton fundou no Funchal a fábrica de assúcar do Torreão de que adiante nos ocupamos, hoje dirigida por Harry Hinton, seu filho —, que a tem desenvolvido de forma a desempenhar a sua missão reguladora da cultura da cana sacarina que hoje constitui a base primordial da vida económica madeirense, como o comprovam os seguintes sugestivos articulados:

- 1.º — São alguns milhares de toneladas de assúcar ali fabricados anualmente que a Ilha da Madeira consome e exporta.
- 2.º — São muitos milhares de litros de álcool que se aplicam em tempo normal no tratamento dos vinhos regionais e usos industriais.
- 3.º — São muitas toneladas de fôlhas de cana que alimentam o gado que mantém a adiantada indústria de lacteínios.

4.º — São muitos e valiosos os resíduos da moagem da cana constituindo o melhor adubo que esta Fábrica oferece aos agricultores.

Leacock, outro nome prestigioso que, conforme o interessante documento que adiante inserimos, há dusesantos anos apareceu pela primeira vez na Madeira, constitui agora uma importante firma datando de 1760 e, por último, Blandy cuja casa se estabeleceu no Funchal em 1811, tendo sede em Londres, que se dedica principalmente a transacções bancárias, navegação, etc.

A Fábrica do Torreão

A vida agrícola da Madeira que tem passado por várias alternativas de há séculos a esta parte teve sempre, com poucos e curtos intervalos, como fulcro principal, a cultura da cana sacarina ali plantada pela primeira vez em 1425, por determinação do Infante D. Henrique, datando de 1452 o estabelecimento do primeiro engenho para a moer. Por várias vicissitudes ela passou até que graças aos persistentes esforços de Hinton, sobretudo depois de ter introduzido na Ilha a cana «Yuba» cujas qualidades de propagação e resistência logo se revelaram inextinguíveis, entrou na sua face definitivamente regular, com manifesta vantagem para os interesses gerais de toda a Ilha.

De nove fábricas de assucar que em cincoenta anos se fundaram na Madeira apenas sobreviveu a do Torreão que data de 1859 e que mercê dos seus proprietários, primeiro William Hinton e depois seu filho, tem ampliado as suas instalações de forma a corresponder às actuais exigências. De facto a cana a laborar tem de ser totalmente colhida do fim de março a julho, que é quando atinge a maturação e crescimento indispensáveis, e neste curto prazo de três meses terá de ser moída toda a quantidade precisa.

E isto conseguiu Harry Hinton que não conhece hesitações quando se trata de aperfeiçoar a indústria a que ligou o seu nome, modificando as instalações, apertrechando-as com os mais modernos maquinismos e de tal forma que, laborando diariamente 24 horas pode produzir de 550 a 600 toneladas, chegando mesmo, em marchas forçadas, a alcançar 650.

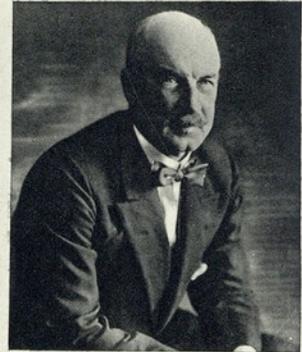
A Secção Fabril destinada à preparação do alcool dispõe também de uma completa instalação para a esterilização dos melaços, produção dos fermentos

seleccionados e cubas de fermentação com a capacidade de 3.000 hectolitros, constituindo assim a sala de fermentações. São quatro os aparelhos de destilação que podem produzir em 24 horas 5.000 litros de alcool puro. E como complemento indispensável à boa marcha de um estabelecimento industrial desta categoria também tem o Laboratório da fábrica, que chega a fazer diariamente algumas dezenas de análises físico químicas, constituindo assim um guia seguro para a boa marcha da indústria.

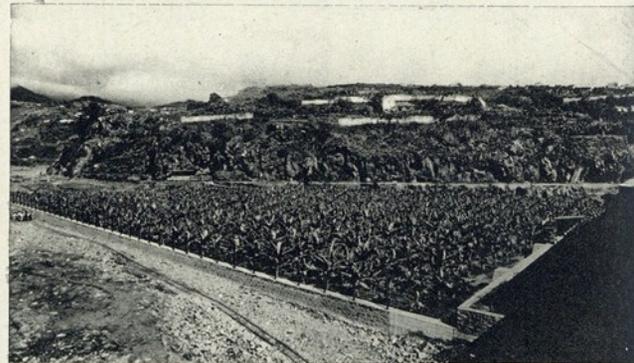
Destas palavras, se depreende o alto valor da grandiosa obra realizada que assegurou enfim aos agricultores uma situação clara e definitiva para a cultura da cana o que eles reconhecem tributando ao ilustre industrial, com quem colaboram com a maior lealdade, a mais respeitosa estima.



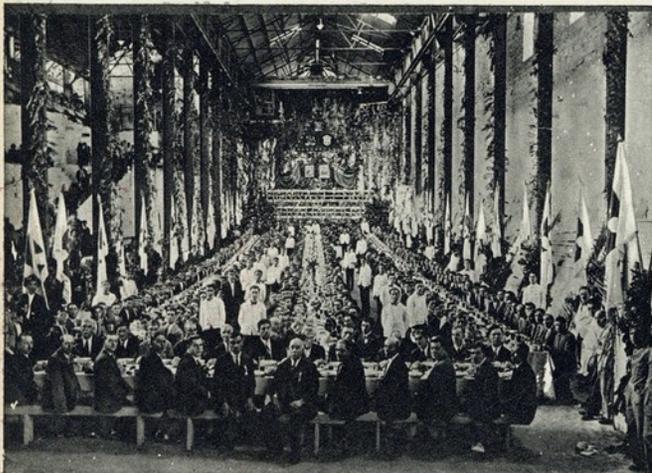
William Hinton, o fundador da Fábrica do Torreão



Harry Hinton, seu filho e sucessor



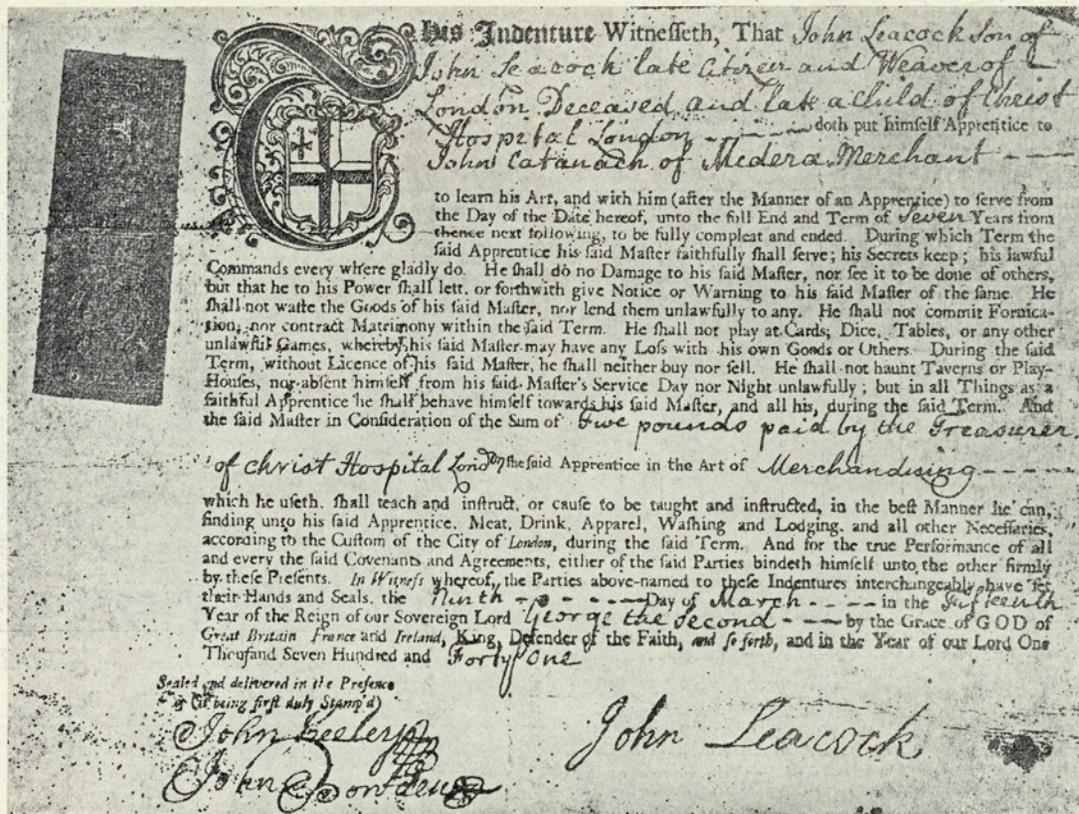
Uma plantação de bananas feita nos terrenos conquistados à ribeira dos Socorridos, perto de Câmara de Lobos, mais uma iniciativa do espirito empreendedor de Harry Hinton



Banquete recentemente oferecido pelo proprietário da Fábrica do Torreão aos seus operários por ocasião das condecorações pelo Governo de dois dos mais antigos e dedicados



Entrada da cana sacarina para a fábrica e sua pesagem



CASA CENTENÁRIA LEACOCK

Há duzentos anos que chegou à Madeira o primeiro membro da Família Leacock, conforme o documento que ilustra esta página.

DE SHAKESPEARE A ADISSON

Notas para o teatro inglês em Portugal no século XVIII

NUM rápido artiguelho inserto há meses no "Mundo Gráfico," aludi à primeira tradução portuguesa de Shakespeare, ao que suponho até então desconhecida.

Tratava-se da versão directa do OTELO feita por Simão de Melo Brandão. Ficou manuscrita e sem data, mas pelas referências que no prefácio faz à deplorável imitação de Ducis, publicada em 1792, pode localizar-se nos derradeiros anos do século.

Pelos começos do seguinte, e sobre o árcaico francês deixou José Maria da Costa e Silva as traduções de "Macbeths," e "Rei Lear," as quais nunca foram impressas e não sei onde param. Há que remontar, porém, pelo menos, a 1769, para se topar com a primeira versão portuguesa dum dramaturgo inglês e rastrear a sua influência, embora episódica, no nosso teatro.

Retiro-me a "The mourning bride", de Congreve, trasladada pelo bacharel José António Cardoso de Castro com o título "A noiva de Luto".

Trata-se dum trabalho muito

escrupuloso, quasi literal, em verso, e que, ao que parece, foi submetido à revisão de Filinto Eliseo.

O cuidado com que foi feito emerge das largas considerações do prefácio, onde refere que na própria Inglaterra os cómicos ao representarem a peça lhe amputaram, a seu talante, à roda de 400 versos.

A versão andou muito tempo manuscrita até que, em 1783, Cardoso de Castro resolveu imprimi-la, dado que as variadas cópias que dela se haviam feito andavam iriçadas de bastos erros.

Com a publicação, o interesse não diminuiu, pois que entre esta data e a da terceira edição conhecida (1817) medearam apenas 34 anos.

Francisco Dios Gomes, poeta e filólogo de tomo consagra-lhe nas "Obras Poéticas" uma entusiástica ode.

Ainda em meados de Fevereiro deste ano o «Nuovo» de Milão punha em cena «La scuola della

maldicenza» que uma quarentena de anos antes fora interpretada pelo grande Zaccani.

Um ano antes, numa versão livre de Claude Spaak subira, em França, nos «Maitsurins».

The school for scandal, de Sheridan, obra prima do teatro inglês e do europeu do século XVIII, anda traduzida em várias línguas, mas a prioridade da versão, cabe, salvo erro, ao português.

Se no próprio ano da morte do autor, em 1816, se representou em Florença no teatro privado de Lord Burghers, e mais tarde em teatros públicos crismada ora em "I due cugini," ora em "Il falso usurario,"; se em França se exhibiu nos comecos do século XIX rotulada primeiro de "L'homme à sentiments," e depois na versão de Laroche com o título de "L'ecole de la médisance," a verdade é que anos antes já havia passado pelos palcos portugueses.

Estreada no «Drury-Lane» em 8 de Maio de 1777, exhibia-se 18 anos depois, em 1795, no "Rua dos Condes," e no mesmo ano era publicada. Vertera-a di-

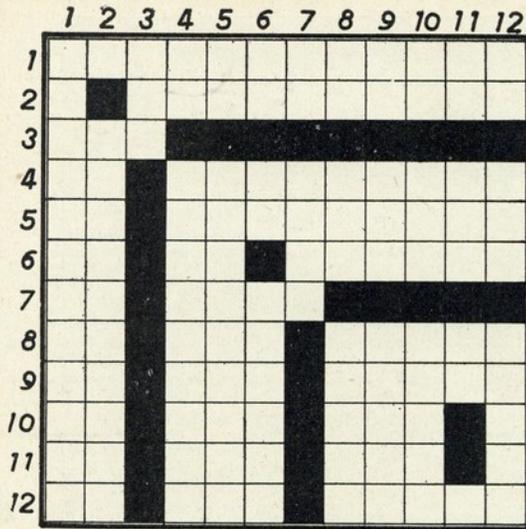
rectamente o diplomata José Anselmo Correia Henriques, dedicando-a à poetisa Viscondessa de Balsemão, D. Catarina Micaela de Sousa César e Lencastre.

A tradução é muito ajustada ao original e o título é o que mais se aproxima do primitivo, embora não seja o que melhor exprima, em português o pensamento do autor: «A escola do escândalo».

Na designação dos personagens há, por vezes, uma pitoresca singularidade. Estes não figuram com os seus apelidos originaes, mas com a sua equivalência. Assim por exemplo: Benjamin Backbite (Benjamin Mordaz), Trip (Salto), Snake (Cobra), Lady Sneerwell (Miladi Escarnica), Careless (Descuidado) etc. Acresce ainda que na distribuição figuram os nomes dos intérpretes portugueses, por sinal que todos masculinos!

Entre eles avulta José Felix da Costa, o primeiro galã do seu tempo.

Não cabe nos limites dum artiguelho breve o documentar a influência que esta celebrada peça teve sobre algumas comédias de cordel.



PROBLEMA N.º 14

HORIZONTAIS

1 — Soletáveis. 2 — Superabundante. 3 — Brota. 4 — Caminhe (inv.) — Apelido do Ministro da Coordenação da Defesa da Gran-Bretanha. 5 — Duplamente (cientif.) — Tratado do ar. 6 — Letras de «coro» — Duas consoantes iguais — Trabalhar de noite. 7 — Conjugação design. de alternativa — Medida de 10 litros. 8 — Símbolo do «cloro» (na química) — Interjeição design. de «espanto» — Apelido do Ministro dos Transportes Britânico. 9 — Existe — Termo comercial designativo de que o preço dado a uma mercadoria inclui seguro e frete — Sobrecarrega. 10 — Fluido elástico — Letras de «lioz» (duas vogais e uma consoante) — Sim (ingl.). 11 — Escarnee — Semelhante — Poesia laudatória. 12 — Prepos. e artigo — Data — Peça que fortifica o cavername dum navio.

VERTICAIS

1 — Abriça. 2 — Tratador de aves. 3 — Regra. 4 — Que foi — Apelido do Secretário dos Domínios da In-

glaterra. 5 — Pron. pessoal — Dar carácter grego. 6 — Letras de «raid» — Clima — Caravana de mercadores no Oriente. 7 — Vogais iguais — Sová 8 — Paralisia — Anagrama de «fel» — Apelido do Vice-Almirante Chefe da Aviação Naval Britânica. 9 — Ande! — Triturei com os dentes (inv.) — De bronze (adj. poet. pl.) 10 — Letras de «seno» — Pron. pessoal (latim) — Uni-me por casamento (inv.). 11 — Pron. pessoal, neutro (ingl.) — Bórras — consoantes de «rato». 12 — Igreja episcopal — Ceder — Leilão.



Solução do Problema n.º 13

A BATALHA DO CABO MATAPAN



A «Victory» de Nelson volta à Inglaterra com o nome do almirante Cunningham

CRÔNICA ALEGRE

O fato a prestações

O meu compadre Evaristo, chefe duma familia numerosa, pois só filhos tem quasi seis, é, por força das circunstâncias, económico. Assim, é raro ir ao teatro e, quando vai, é só. A respeito de fatos, só estreia um por ano, a 29 de Fevereiro.

Aqui há tempos, como visse que o fato que trazia já tinha falta de várias riscas e deixara de ser castanho, disse-lhe que fôsse ao meu alfaiate, pois graças a mim, conseguiria um fato barato e em boas condições de pagamento.

Para chegar a acôrdo foi um trabalhão. O fato custava seiscentos escudos e eu tive que intervir e pedir ao alfaiate — o sr. Moreira — para conceder facilidades — que o meu compadre não tem dinheiro como eu, que vivo da pena... O sr. Moreira, que também gosta de ser agradável, resolveu, então, vender o fato por um conto e duzentos, a prestações, pagando o meu compadre metade adiantado.

Tive que intervir de novo, usei da minha influência e o sr. Moreira, que tem por mim grande consideração resolveu-se a fazer um desconto e o fato ficou por oitocentos escudos.

Então, o meu compadre combinou: — Eu pago-lhe já metade e a outra metade fico a dever.

O sr. Moreira aceitou, fez o fato e recebeu quatrocentos escudos, conforme o combinado. A roda do tempo foi andan-

do e o meu compadre Evaristo não se descosia com o resto do dinheiro.

O sr. Moreira, furioso foi, na minha companhia, à procura do Evaristo. Por acaso estava parado em frente da montra doutro alfaiate. Assim que o viu o sr. Moreira não se conteve e gritou:

Ora ainda bem que o encontrei seu caloteiro! Quando é que se resolve a liquidar os seus compromissos?

Com uma serenidade absolutamente imprópria para consumo o Evaristo retorquiu:

— Perdão! Eu sou um homem de palavra e nunca, até hoje — o diabo seja cego, surdo e mudo — deixei de honrar a minha palavra. Estou cumprindo o compromisso que tomei com o sr. Moreira. Lembra-se do que eu lhe disse:

— Muito bem — gritou o sr. Moreira — que também se gaba de ser um honrado comerciante da nossa praça.

— Então qual foi?

— O senhor — retorquiu o alfaiate — disse-me aqui na frente do seu compadre e fiador que me pagava metade do fato no acto da entrega e que a outra metade ficava a dever.

— E que fiz eu? — perguntou então o Evaristo.

— Pagou de facto metade no acto da entrega, mas quanto à outra metade...

— Fiquei a dever — atalhou o Evaristo — que foi o que eu combinei!...

Marçal Saldanha

DIA E NOITE...

Os inegaláveis cremes de beleza

Rainha da Hungria

velarão pela Mocidade da sua pele!

Elogios... para quê?

Basta dizer que são produtos

M. ME CAMPOS

★

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
LISBOA — RIO DE JANEIRO

Sumário

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

HENRY WILSON, biografia

OLIVEIRA SALAZAR, doutor de Oxford

A EDUCAÇÃO INGLÊSA, pelo dr. João de Barros

HOSPITAIS ESCOLARES DE LISBOA E PORTO, pelo prof.
dr. Francisco Gentil

OS PESCADORES DA GROENLANDIA

RAPARIGAS DE GOLA BRANCA,

*reportagem com fotos de J. Lobo*A MAIS COMPLETA REPORTAGEM DA GUERRA, com foto-
grafias exclusivas, em 4 páginas

O CAIXEIRO-ESCRITOR, um primeiro prémio literário

A ÍNDIA AO LADO DA INGLATERRA, por S. Saboya

QUAL O SITIO MAIS BONITO DE LISBOA? Responde Luiz
TeixeiraA PRINCESA ELISABETH, HERDEIRA DO TRONO DE INGLA-
TERRA

A FAMÍLIA REAL INGLÊSA NA INTIMIDADE

COMO SE FAZ UMA MULHER BONITA, de Rodrigo de Melo

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

A FOME DO ALCINO, novela de Fernando Calixto

AS CORRIDAS DE CAVALOS, DESPORTO DE REIS, por
C. de O.

CRÓNICA ALEGRE, de Marçal Saldanha

CINEMA, de António Lourenço



Este piloto da Royal Air Force acaba de regressar dum raid distante, no qual defrontou, vitoriosamente, o inimigo. A glória e o amor também têm direitos. Ele sorri, respondendo às perguntas das suas gentis interlocutoras e, como bom britânico, sereno, imperturbável, numa elegante simplicidade não exalta a sua façanha. São assim os ingleses!

**Dunhill***O melhor
cigarro Americano*

Importadores exclusivos

Roque Pinto, L.^{da}

R. do Amparo, 94-1.º

L i s b o a

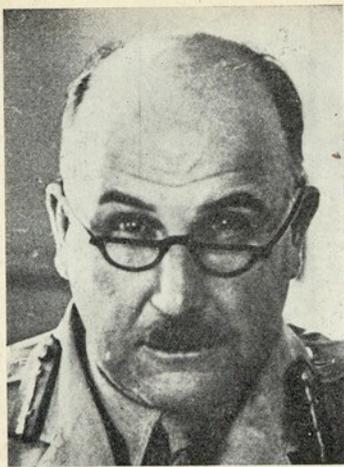
*Para
conhecer
Portugal*

*consulte
a C. P.*

**Informações:**

em tôdas as estações

— em Lisboa, no serviço do
Tráfego — Telefone 2 4031— no Pôrto, na estação de
S. Bento — Telefone 1722



HENRY WILSON

○ General Sir Henry Maitland Wilson revelou-se, na expressão do Primeiro Ministro da Gran-Bretanha, uma das maiores figuras militares desta guerra. A sua compreensão rápida dos modernos processos táticos, aliada a uma inteligência clara e a uma indomável energia, fizeram dele um chefe predestinado para as operações de grande envergadura.

Sir Henry Maitland Wilson tem actualmente 59 anos de idade, pois nasceu em 1882. Entrou muito novo na carreira militar. Aos dezoito anos conheceu, pela primeira vez, a guerra e as suas dificuldades. A sua arma de origem é a infantaria. Em 1900 na Campanha Sul-Africana distinguuiu-se prestando valiosos serviços. O seu nome impôs-se, porém, definitivamente durante a Grande Guerra. Nessa altura (1914) fazia já parte do Estado Maior e desde as primeiras batalhas travadas em território francês o seu nome apareceu, em todas as situações delicadas, como o de um conselheiro avisado e conhecedor.

Feita a paz foi chamado como instrutor para Sandhurst e para a Escola do Estado Maior onde prestou excelentes serviços. As suas promoções foram rápidas e amplamente justificadas pelas provas dadas nos campos de batalha e nos estabelecimentos de instrução da especialidade. Quando atingiu o posto de coronel foi comandar um regimento da sua arma onde prestara serviço como simples subterno e a cujo progresso deixara ligado o seu nome. Quando estalou o actual conflito, Sir Henry Wilson tinha o posto de general. Enviado para o Próximo Oriente contribuiu decisivamente para organizar as forças que ali se concentraram.

Comandante do exército do Nilo devem-se, em grande parte, à sua iniciativa arrojada as vitórias que se traduziram pela ocupação da Cirenaica e pela inutilização das forças inimigas de África. Foi nomeado, em seguida à ocupação de Benghazi, governador da Cirenaica. Desempenhou estas funções apenas algumas semanas pois com o alargamento das hostilidades aos Balkans foi encarregado de comandar o corpo expedicionário desembarcado na Grécia.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A confiança inglesa

Nos dois campos em luta acredita-se, firmemente, que a sorte da guerra será decidida pela batalha do Atlântico. Nos Estados Unidos não há opinião diferente. Isto equivale a dizer que, em última análise, é o espírito público na Gran-Bretanha que terá a última palavra a dizer na contenda. A sua capacidade de resistência, a sua firmeza e a sua decisão são o factor essencial cuja evolução o mundo considera atentamente com a certeza de que as suas reacções marcam o verdadeiro sentido dos acontecimentos.

Que pensa e que quer a opinião pública inglesa? Como suportam os habitantes da ilha os duros golpes que o destino lhes oferece e como se preparam para uma réplica eficaz?

○ mais importante jornal suíço caracterisa, de maneira objectiva e rigorosa, o pensamento e a decisão do povo inglês em palavras que vale a pena referir:

“Em Inglaterra a firmeza do espírito público é enorme. Os dirigentes tiveram o cuidado de não prègar o optimismo, por considerarem que o não deviam fazer e também porque sabem que o inglês desconfia das palavras de ordem uniformes e está, por educação, habituado a pensar imparcialmente. O espírito nacional não aparece criado por qualquer disciplina imposta ou por qualquer determinação oficial. Deriva da reflexão e do amor próprio de cada inglês.

○ inglês tem um sentimento muito vivo da grandeza da sua pátria. Sabe que as suas tradições e os seus costumes só perdurarão se o Império perdurar. Por isso não há necessidade de limitar as regalias habituais da nação britânica. Os jornais publicam páginas de fotografias e relatos dos prejuizos causados pelos bombardeamentos. Dão os nomes dos oficiais caídos ao serviço de S. M. e dos navios que não regressam. Desportivamente, o inglês acusa os toques que recebe. Mas nada abala a sua vontade...”

Há alguns meses, o Primeiro Ministro anunciou que não podia prometer ao país alegrias. As suas alusões claras não desencorajaram a nação. Presentemente outro membro do gabinete declarou que a questão marítima oferecia sérios riscos. Esta declaração não produziu resultado diferente. O inglês bate-se. Assim se resume o seu pensamento actual e é para a luta que todos os seus esforços tendem.

○ “Journal de Genève”, cuja imparcialidade e cuja autoridade são unanimemente reconhecidas, completa assim, a sua descrição:

“As pessoas que regresam de Londres mostram-se maravilhadas com a energia duma população que não dorme e que assiste ao espectáculo das ruínas acumuladas. Há uma coisa que a violência dos ataques nocturnos não consegue quebrar: a decisão da alma nacional. O inglês sabe que combate pelo seu direito. Este sentimento profundo torna maiores a sua força e a sua determinação. A Inglaterra quer durar porque sabe que, mais tarde ou mais cedo, a sua vontade acabará por se impôr...”

E' a confiança na sua força e na sua determinação que torna invencível a resistência da Gran-Bretanha. Essa confiança é acentuada por depoimentos vindos de todos os lados. O valor da sua esquadra, o poder da sua aviação, o número e a qualidade do seu exército, a produção crescente das suas oficinas revelam um poder que aumenta e se afirma dia a dia. Mas a nação confia, acima de tudo, nas qualidades tradicionais que tem afirmado em séculos da história.

○ OBSERVADOR

Salazar

Na praça enorme, entre a estátua dum rei, o Arco do Triunfo e um rio legendário, berço da epopeia das Descobertas, Salazar comungou com a alma da Pátria na maior manifestação que até hoje se tem realizado em Portugal. Foi um espectáculo extraordinário de grandeza histórica, que uniu, fremente, um povo inteiro, ao Homem que soube imprimir à Nação uma das curvas mais altas do seu destino. De tarde, à luz clara do sol, na exaltação das bandeiras, o Terreiro do Paço como que desapareceu sob a onda humana total, magnífica, alterosa de entusiasmo, cuja alma dir-se-ia vibrar no céu profundo com a mesma luz eterna das estrelas distantes. Houve um silêncio fundo, quando ele surgiu, à janela do seu gabinete, estendendo as suas mãos sobre a floresta humana mas depois, num movimento breve, irreprimível, daquela massa enrubescida, em fusão, um grito imenso, estalou como uma tempestade, feito duma só voz, duma só alma, dum só nome, aclamando-o em delírio numa tensão suprema. Visto do alto, a perspectiva humana era a um tempo maravilhosa e terrível. Parecia a cratera dum vulcão em chamas, a tal ponto o seu entusiasmo, a sua vibração subiam na tarde magnífica, avassalando tudo. Foram belas todas as orações, mas o momento mais extraordinário, em que a Patria por assim dizer se ergueu a toda a altura do seu passado glorioso, renascido, pela vontade de Salazar, no presente, foi quando a multidão, de pé, imóvel, esculpida em linhas grandiosas de bronze, cantou a Portuguesa. O génio da Pátria vibrava inextinguível na sinfonia heróica!

Material blindado



Já não é segredo para ninguém que o material blindado de que os ingleses se serviram na ofensiva da Cirenaica, foi, inteiramente, construído nos Estados Unidos. Foi o super-transatlântico *Normandie* que o transportou da América para um porto inglês da África Oriental numa viagem audaciosa, sem qualquer escolta.

Os Estados Unidos mostram-se, justamente, orgulhosos desse material, sobretudo dos tanks, do tipo ligeiro, e muito velozes, especialmente construídos para resistir à areia e ao calor. A abertura do Mar Vermelho à navegação mercante dos Estados Unidos vai dar ensanchas àquele país de reforçar, com fantásticas quantidades de veículos bélicos, os exércitos imperiais.

«Mundo Gráfico»
A nossa revista demorou, propositadamente, a sua saída esta semana para, assim, se associar à grande manifestação nacional ao sr. Presidente do Conselho.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de «Mundo Gráfico», L^{da}

Redacção e Administração: Rua de S. Nicolau, 119-3.º | Lisboa | Telefone 2 5240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.^ª, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 a 10 — Lisboa
COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



OS HERÓIS DA ROYAL AIR FORCE

A INGLATERRA NÃO RECEIA A INVASÃO!

A invasão da Inglaterra é possível? Depois da declaração do ministro do trabalho da Gran-Bretanha Ernest Bevin, esta voltou a ser a questão militar palpitante do momento. Ouçamos um dos mais autorizados críticos militares britânicos: o major Sheppard:

“Se tivesse de responder à pergunta apenas com uma palavra, diria, de maneira categórica: não. A resposta não significa que os alemães não possam desembarcar tropas em solo inglês, embora isso seja improvável. Não significa também que não tentem fazê-lo. A Alemanha pode ser obrigada, por circunstâncias de ordem política imprevisíveis a fazer uma experiência em que Napoleão falhou.

Mas a minha opinião definitiva é que a Alemanha pela invasão não conquistará nunca a Inglaterra.”

No outono do ano passado o Estado Maior do Reich tentou a invasão. Desistiu dela por duas razões fundamentais: a esquadra de que dispunha não tinha possibilidades abrir, mesmo momentaneamente, aos transportes de tropas e munições um caminho bastante seguro; a aviação alemã não pôde alcançar o domínio do ar, condição indispensável para assegurar o êxito da empresa.

São fáceis de calcular os riscos que correria qualquer exército que tivesse por missão abordar a ilha e desembarcar nela ao menos alguns contingentes de

valor e de eficiência segura sem que previamente se tivessem realizado essas condições. A tropa embarcada teria de suportar o pêso duma acção aérea implacável; e os barcos que a transportassem encontrariam no seu caminho, além da esquadra de superfície britânica, submarinos e aviões que lhes prejudicariam os movimentos.

A parte do exército invasor que conseguisse atingir os países ou os portos britânicos depararia, desde logo, com obstáculos igualmente invencíveis. O serviço de vigilância ao longo da costa é, desde meados do ano findo, cuidado e atento. Por detrás desse serviço de vigilância encontra-se um exército de alguns milhões

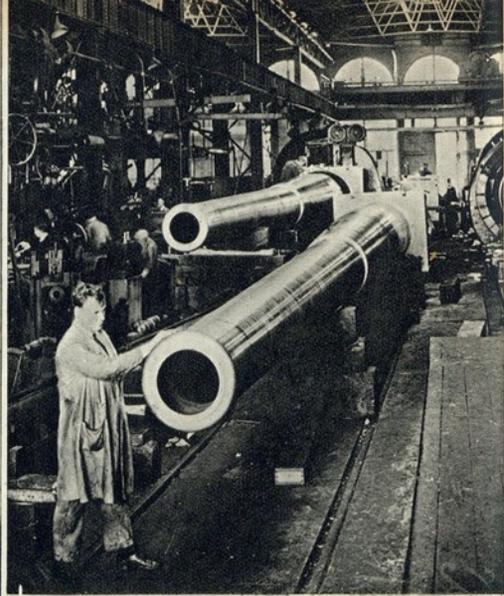


O Canadá prepara 30 mil pilotos por ano. Um novo contingente chega à Inglaterra

de homens superiormente apetrechados, com um moral elevadíssimo e dispondos dum comando que não perdeu nenhum dos ensinamentos do atual conflito. As tropas são treinadas e resolutas; os quadros esclarecidos e firmes; o material, especialmente a artilharia pesada a artilharia contra carros, de primeira qualidade.

O desembarque de tropas seria complicado pelo desembarque de material pesado. A técnica alemã consagrou duas armas: o bombardeiro e o carro de combate. Para desembarcar uma das famosas divisões blindadas do Reich seria necessária a conquista prévia dum porto bem equipado e apetrechado. Os portos britânicos estão excelentemente defendidos. Mesmo que em virtude duma acção fulminante de surpresa, qualquer deles caísse em poder do adversário não poderia ser utilizado por muito tempo dadas as condições em que funciona o sistema defensivo britânico.

Postas de parte as duas hipóteses duma tentativa de invasão feita a coberto da



Dezoito milhões de homens e mulheres trabalham nas fábricas de guerra britânicas

protecção marítima e aérea e dessa tentativa conduzida sem protecção militar bastante forte, resta a hipótese da destruição prévia das bases de abastecimento, do sistema de comunicações e dos centros vitais do dispositivo de defesa da Gran-Bretanha. A tarefa aniquiladora que deveria preceder uma tentativa conduzida nessas condições caberia exclusivamente à arma aérea do Reich. A verdade é que, por mais espetaculosa e destruidora que se tenha revelado a acção de Luftwaffe ela ainda não conseguiu tocar a armadura militar e industrial da Inglaterra. Muito menos o conseguirá quando as suas forças andam dispersas em vários teatros de operações que devem considerar-se todos secundários perante a tarefa essencial da invasão. E o mundo sente que por enquanto esta não fôr uma operação viável, sob o ponto de vista militar, a Inglaterra continuará a resistir.



Um destacamento de motoristas ingleses

SALAZAR

DOUTOR DE OXFORD

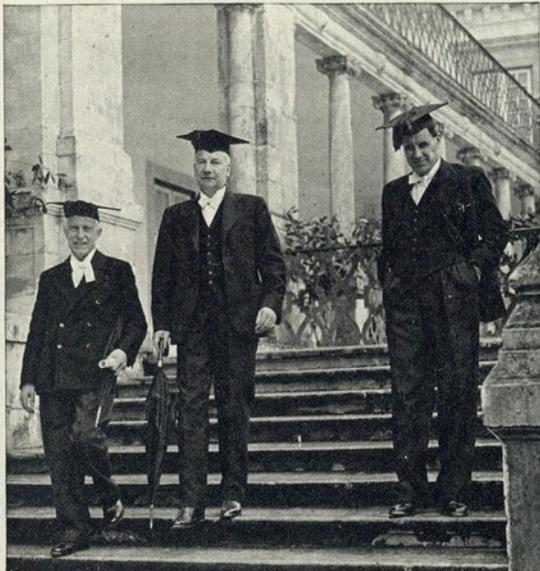


O Presidente do Ministério, ante os doutores de Oxford e os lentes de Coimbra, pronuncia um notável discurso



O sr. prof. dr. Moraes Sarmento, reitor da Universidade de Coimbra, com o dr. Weaver, da de Oxford, recebem o ilustre doutorando. Assiste à cerimônia o sr. Marcus Cheke, adido de Imprensa

Em Coimbra, num ambiente evocador, a delegação da Universidade de Oxford entregou ao Chefe do Governo as insignias do grau de doutor «honoris causa». O sr. dr. Oliveira Salazar, com as vestes universitárias inglesas, ouve o discurso do prof. Thomas Farrant Higham



Os Drs. Weaver, Entwistle e Higham descendo a escada da via latina



Um aperto-de-mão efusivo. Os dois velhos doutores de Oxford cumprimentam o seu novo colega

EDUCAÇÃO INGLÊSA

A idéia, hoje corrente, de que a instrução, o ensino, constitue apenas uma parte, embora indispensável, de qualquer verdadeiro e útil sistema educativo — sempre foi adoptada e seguida na Inglaterra. Os velhos colégios de Eton e de Harrow já a punham em prática, pelo manifesto predomínio da formação moral e física do aluno. Mas onde ela realmente alcançou sua plena eficácia foi e é nas chamadas Escolas Novas, cujo tipo e modelo se deve à iniciativa de Cecil Reddie, o fundador ilustre do internato de Abbotsholme.

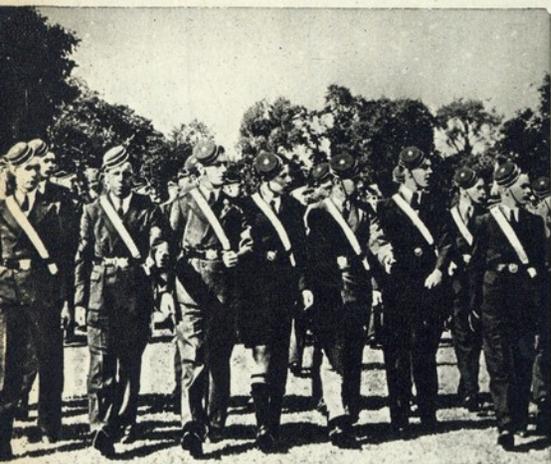
Visitel, há muitos anos, um dos institutos que melhor se inspirou nos princípios e métodos preconizados por Cecil Reddie: — a célebre Escola de Bedales. Crianças e adolescentes robustos e alegres; camaradagem leal e afectuosa entre professores e discípulos; atmosfera de confiança e de amor ao trabalho; disciplina forte, mas livremente consentida e desejada, de tal modo nascia do próprio ambiente escolar. Sentia-se que todos ali cooperavam de vontade nessa obra de beleza e de ternura, que é fazer desabrochar as consciências e desenvolver e fortalecer o espirito. Rapazes e raparigas (em Bedales a coeducação era de rigor) não conheciam a preguiça: — dentro ou fora das aulas, estavam sempre ocupadíssimos, ora cultivando os seus jardins, pomares e hortas; ora carpinteirando; ora desenhando; ora dedicando-se a outras e numerosas tarefas do seu maior agrado. Em suma, Bedales oferecia a imagem exacta, ainda que reduzida, do futuro meio social daqueles futuros cidadãos da Gran-Bretanha.

Espectáculo de reconfortante, de estimulante sedução! No país que mais tradicionalista se afirma a cada passo, respeitador e conservador de todos os costumes a hábitos ancestrais — Bedales, e os vários colégios organizados segundo as suas normas renovadoras, mostravam a capacidade de juventude mental, de invenção audaciosa e de energia construtiva, sempre vivas nêsse povo nunca adormecido ou inerte, mesmo quando o parece. O mundo inteiro perfilhou, mais ou menos — e antes mais do que menos — nas suas reformas educativas, o pensamento directivo da pedagogia de Abbotsholme. Talvez hoje se não lembre, porém, de que essa imensa e útil revolução educativa se desencadeou, sem alarde nem proclamações retumbantes, na calma, discreta e, para tantos olhos sonâmbulos, passadista Inglaterra...

JOÃO DE BARROS



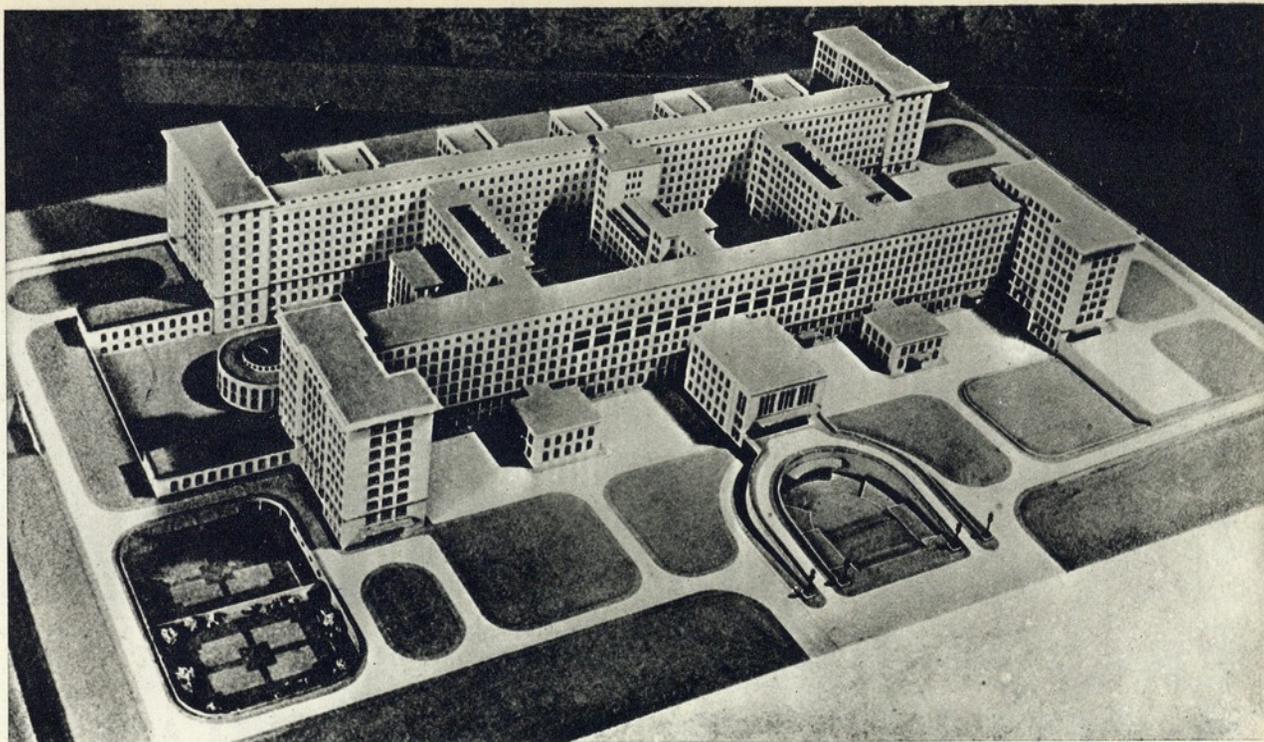
A célebre Harrow School Inglesa, onde Winston Churchill foi educado. Um aspecto da velha capela



A característica indumentária de um dos colégios Ingleses. Uma parada de estudantes



Apesar da guerra, a vida universitária continua. Um canto da biblioteca de Oxford. Um dos estudantes é bombeiro voluntário



A primeira visão do grandioso Hospital-Escolar de Lisboa, cujas obras principiaram já

Os Hospitais Escolares de Lisboa e Pôrto

pele Prof. Dr. FRANCISCO GENTIL

A velha Escola Médica de Lisboa pugnava há mais de trinta anos pela melhoria do ensino, quando a Miguel Bombarda, secretário geral do Congresso Internacional de Medicina, realizado em Lisboa no ano de 1906, ficou devendo a possibilidade de se criarem as especializações no Corpo Docente das Escolas Portuguesas.

Faltava-nos, porém, estabelecer a ligação indispensável entre os ensinamentos clínicos e os laboratoriais, e a Faculdade de Medicina de Lisboa conseguiu fazer criar em 1918, há 23 anos, a primeira comissão destinada a obter a construção, no mesmo recinto, dos Institutos Clínicos e dos Institutos de Investigação Laboratorial. Mais feliz do que Lisboa e Porto, Bruxelas, que em 1921 obteve a colaboração e o auxílio da «Rockefeller Foundation» para a construção de dois Institutos de Investigação e ensino laboratoriais, viu realizado o seu programa em 1935, com a inauguração do novo hospital de St. Pierre e da Escola de Nurses.

A Escola de Lisboa que, em 1919, há 22 anos, adquiriu os terrenos onde já há meses se iniciaram as terraplanagens para a construção do novo Hospital-Faculdade, agora em via de construção, só poderá ver satisfeita a sua justa aspiração em 1944. Principiando em 1906, só 38 anos depois conseguirá a nossa Escola o que Bruxelas obteve em 14 anos. Mas a solução representada na figura que motiva esta nota só começou a ser estudada quando em 27 de Julho de 1933 Salazar publicou o seu pensamento sobre a realização dos Hospitais-Faculdades de Lisboa e Porto, demonstrando a mais justa compreensão e respeito pela dignidade humana.

De 1933 a 1936 fizeram-se inquéritos e preparou-se a orientação do estudo; de 1936 a 1939 fez-se todo o trabalho de organização e distribuição dos serviços, e o Arquitecto H. Distel com os Engenheiros Jácome de Castro e Tavares Cardoso realizaram o estudo representado na «maquette» aqui reproduzida que deveria ter sido por nós apresentada no VI Congresso da Associação Internacional dos Hospitais, em Toronto, se a situação internacional o não tivesse feito adiar.

De 1939 a 1941 fizeram-se os cálculos necessários à abertura das empreitadas de construção e sob a Direcção do Prof. Duarte Pacheco, Ministro das Obras Públicas, vão agora iniciar-se os dois hospitais.

O exame da figura aqui publicada dá uma noção clara da arquitectura e da distribuição dos serviços; as clínicas gerais ao sul, construídas em vertical, as especialidades nos quatro torreões que fecham os quatro ângulos do monobloco—hospital-faculdade — os laboratórios, o diagnóstico e os tratamentos na ala virada ao norte; as três uniões dos dois grandes edifícios paralelos, o do norte e o do sul, alojando museus, biblioteca, cirurgia experimental, anfiteatros, serviços auxiliares e administrativos, estatística e secretarias, habitações do pessoal e refeitórios.

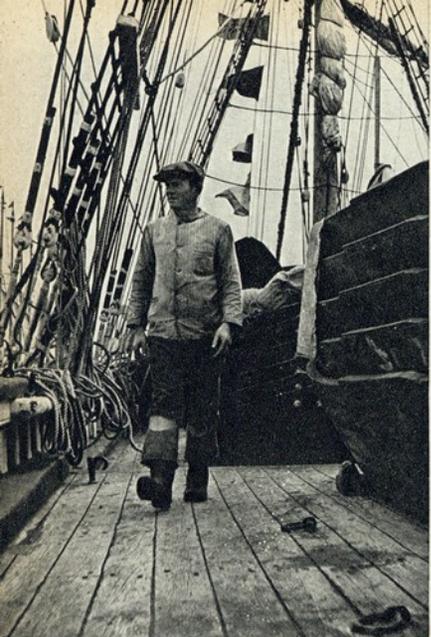
A independência dos vários serviços é rigorosamente mantida, o problema das circulações foi resolvido pelos técnicos com a mais rara felicidade, a concentração e a economia foram levadas ao máximo até hoje obtido.

Embora a orientação dos Hospitais Escolares seja a do tipo monobloco, reatando as tradições do nosso País e sofrendo a influência dos mais modernos Hospitais Americanos, os Centros-Médicos de Lisboa e do Porto têm a sua fisionomia funcional integrada na orientação do ensino médico Português.

E, como escrevemos no relatório para o Congresso de Toronto, os nossos centros de ensino Médico procuram obter dos clínicos e dos professores, dentro das suas especialidades, a noção de serem eles de uma cadeia, elementos de uma obra de conjunto, não vivendo em compartimentos estanques, em «consultas e serviços separados» e sem se auxiliarem.

Cada Centro procura reunir a investigação, o estudo, o diagnóstico, a terapêutica, a profilaxia, a educação, restituindo o Hospital à sua verdadeira finalidade, mostrando que não há bom Hospital sem Escola, nem há bom ensino médico sem Hospital.

O Hospital-Escolar será o núcleo central de uma obra social em volta da qual se organizem hospitais para doentes de menor dinamismo terapêutico e mais longa hospitalização, asilos-hospitais para crônicos e convalescentes, asilos do tipo dos «Foyers Masaryk», sanatórios, dispensários, postos de socorro, centros de saúde, colaborando todas estas instituições no respeito pela saúde e pelo bem estar do indivíduo. O ideal a atingir é obter dos futuros médicos um estado de espírito que os leve a fazer medicina preventiva, fornecendo-lhes para isso instalações e condições materiais apropriadas.



O «Santa Maria» já vai rio abaixo, com o seu arco-iris festivo de bandeiras. Este é dos veteranos da Terra Nova. Ao lado, os pequenos doris onde se faz a pesca

O bispo de Helenópolis abençoando a armada dos lugres que vão partir para os mares do Ártico. Foi ele quem disse: os portugueses são os romeiros da eternidade

O último adeus à terra. No cais, há dois lenços brancos a acenar. Um é mais pequenino. É esta a sua última visão de Portugal

OS PESCADORES DA GROENLANDIA



Uma despedida alegre. Os portugueses não têm medo do mar. Ela, sua companheira de longos anos, viúva de Aveiro, e conta-lhe as últimas novidades da terra



«Georges» anda ver o meu país de marinheiros — António Nobre, Este quadro, que Constantino Fernandes não pintou, é bem nosso, na sua emoção lusiada



O pescador mais novo que vai nas companhas à Terra Nova. É a sua primeira viagem. A muitas milhas de distância, já vai equipado. Ao lado, o «Feito», a mascote de bordo



Éles vão partir. — Varininha de palmo e meio, teu pai lá vai! Quando ele voltar, por um dia de sol, terás mais um ano e mais pão em casa



O AVIADOR AMERICANO KOLENDORSKI, DA R. A. F.



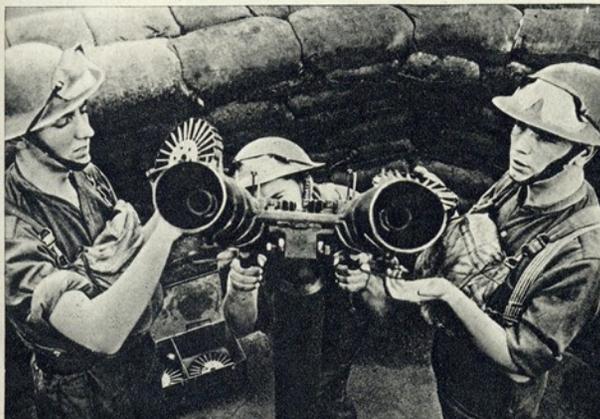
UM METRAHADOR INGLÊS NUM SALTO DE TIGRE



UMA GRANADA PARA O INIMIGO



DUAS «GARRAFAS» DE AÇO COM WHISKY ESCOCÊS



AS PUPILAS DE AÇO DE UMA ANTI-AÉREA



É ASSIM QUE OS INGLÊSES COMBATEM NA LÍBIA



Na aula de história. Em que ano foi descoberto o Brasil?



A cozinheira do dia volta da dispensa



O altar está sempre florido de esperanças



Camões revive na inspiração desta gentil escultora



Um gracioso bailado que lembra um friso das panateneias



Uma linda decoração mural com caprichosas silvas

RAPARIGAS DE GOLA BRANCA

O velho mosteiro de Odivelas, à espalda do amontoado branco do casarilo da povoação cheia de tradições que se espalha num relêvo verdejante sobre a paisagem colorida, emoldurada de canaviais e olivados, perdeu de há muito o ar soturno de místico recolhimento e tornou-se poiso risonho de um bando chilreante de andorinhas graciosas. É ali o Instituto Feminino de Educação e Trabalho — castelo doirado dos sonhos ditos de uma juventude radiante de esperança.

Do passado pouco resta, além das tradições que evocam passagens da história, épocas faustosas, personagens reais, amores célebres — o perfil moreno de Madre Paula, que, da sua cela luxuosa e resplandecente de espelhos, onde D. João V passava as suas tardes, influiu nos negócios do Estado e tecia intrigas mundanas — a opulência a contrastar com a melancolia espiritual do ambiente monástico — sombras e figuras que a lenda faz reviver, ente os silêncios, com um travo de poesia romântica.

A história daquele antigo convento remonta ao tempo do Rei Lavrador, que lhe lançou os fundamentos para ali recolherem as freiras bernardas. Na igreja, mais tarde restaurada por D. João V, que lá fez esculpir o seu brasão, guardaram-se os túmulos de D. Deniz e de sua filha D. Maria Afonso, esplendorosos nos magníficos lavrados de pedra. «No mosteiro de Odivelas, deu-se um dos mais belos lances da nossa história: a morte da Rainha D. Filipa de Lencastre, a bela inglesa de cabelos loiros, um ou outro prateado pela idade, entre os seus filhos, os infantes da «sinclita geração», como disse Camões.»

Naquele mesmo local e sob as graciosas arcarias dos claustros onde brobulham fontes lacrimejantes, decorre, entre sorrisos e

ingênuas aspirações de almas em flôr, a existência tranqüilla e prometidora de uma mocidade sonhadora que estuda e ensaia encantadoras tarefas que ennobrecem a mulher. São as «meninas de gola branca», as alunas do Instituto de Odivelas, estabelecimento modular, orientado segundo os métodos da pedagogia moderna.

Com sólida educação intelectual, preparadas com o conhecimento das coisas indispensáveis para a prosperidade dos lares felizes, que vai até aos enternecedores cuidados da puericultura, as alunas saem do Instituto «mulheres sociáveis, prontas a ser na sociedade, em vez de objectos de luxo, tantas vezes inúteis ou prejudiciais criaturas pensantes, unidades activas», «aptas a transmitir aos filhos, aos irmãos, ao meio em que hão-de desenvolver a sua actividade os elementos essenciais da educação recebidas».

Esta é a orientação seguida no Instituto de Odivelas, desde a notável reforma que o ministro da Guerra do Governo Provisório da República, general Correia Barreto, lhe imprimiu, em 1911. Foi quando se tornou facultativa a entrada de filhas de civis, mediante o pagamento de uma pensão. De início, o Instituto D. Afonso, instalado, no ano de 1900, no antigo palácio dos condes de Sobral, na estrada da Luz, até à transferência para Odivelas, ordenada pelo então ministro da Guerra, general Sebastião Teles, era um estabelecimento de «instrução e beneficência para orfãs de oficiais do Exército e da Armada e dos quadros ultramarinos». Logo em 1904 a sua acção foi ampliada às filhas dos oficiais que quizessem assegurar-lhes a educação, mediante uma contribuição mensal.

Ao ser proclamada a República, no Instituto, que, depois, passou a ter a designação actual, havia mais de cem alunas internadas.

Actualmente, são em número superior a 400, internas e externas. Estão divididas por anos e em classes, cinco na 1.ª secção e outras tantas na 2.ª. O programa de ensino e educação compreende cursos de instrução primária, até à 3.ª classe; dos liceus, de comércio, auxiliar de química, familiar e oficial. O corpo docente é constituído por professoras e professores, todos externos.

O Instituto vem sendo dirigido, desde 1910, pelo sr. coronel Ferreira de Simas, militar prestigioso, pedagogo de alta competência e apurada sensibilidade, para quem a felicidade das suas pupilas é a grande preocupação sentimental, numa vida consagrada a essa obra verdadeiramente notável. O actual subdirector, sr. major Oscar Pereira Dias, completa a tarefa com o mesmo conhecimento e idêntico espírito de dedicação.

O «sr. director» ou o «Senhor Simas», como dizem as pequenas na sua afeição filial, não é o funcionário ríspido e insociável, de zelo excessivo; é o chefe daquela grande família, como um pai que não impõe mas persuade à disciplina, pela inteligência e pelo coração, com muita ternura, muito carinho, sem regulamentos ou praxes demasiado severas e que geram o terror, a rebeldia e inundam as almas singelas de amarga tristeza.

Ali, tudo parece sorrir. Há em cada coisa veladas intenções para despertara alegria nas educandas, o gosto pela vida simples, a inclinação natural para o trabalho e pelos labores mentais. Tudo, de facto, nos parece risonho, num ambiente alegre, esfuizante de luz. Um ramo de flores, em tufo de rendas vaporosas, as coisas sempre arrumadas com gosto, roupas lavadas, muito claras — em cada pormenor se nota a deliciosa preocupação feminina que põe o requinte nos lares.

As aulas, as camaratas, os ga-

binetes de trabalho revelam os mesmos cuidados de método, a mesma delicada intervenção da mulher gentil e sedutora pelas suas virtudes.

As exposições de labores e arte aplicada são documentários magníficos da actividade e dos preceitos de educação ali praticados. E que primores, que sugestões de arte requintada, que expressões de beleza nos transmitem esses mimos que dir-se-iam saídos de mãos de fadas! Mrs. Eufêmia Torry, directora duma escola de donas de casa em Inglaterra, viu, um dia, uma dessas famosas exposições e assistiu ao paciente labor das alunas. Admirou, nas classes de desenho, os seus lindos trabalhos, «quasi iluminuras», e permitiu as suas entusiásticas impressões ao «Scottish Educational Journal», órgão do Instituto Escocês de Educação: «Tão pequenas e tão senhoras do seu papel, que era um deleite vê-las trabalhar com as ferramentas apropriadas». As meninas do Instituto de Odivelas, que nos parecem ali senhoras, donas de suas casas, vivem como irmãs, sem distinções ou situações especiais que melestem as mais humildes. Crianças, raparigas ou já mulheres elas compreendem-se e ensinam-nas a estimarem-se e a que sejam sinceras nas suas afeições para que estas perdurem. No recreio, quando brincam descuidadas pelos claustros ou cuidam do jardim, é como se uma revoada de anjos ou bando de andorinhas enchesse o vetusto mosteiro de alada e juvenil alegria.

E quando passam nas ruas, com o seu uniforme gracioso — azul ferrête, debruado a vermelho, panamá e um círculo branco na curva airosa do pescoço — um sentimento de ternura e respeito envolve as «meninas da gola branca» — raparigas simpáticas que sonham em ser espósas e mães exemplares.



Jardinagem. Flores nascem entre flores. Chegou a Primavera



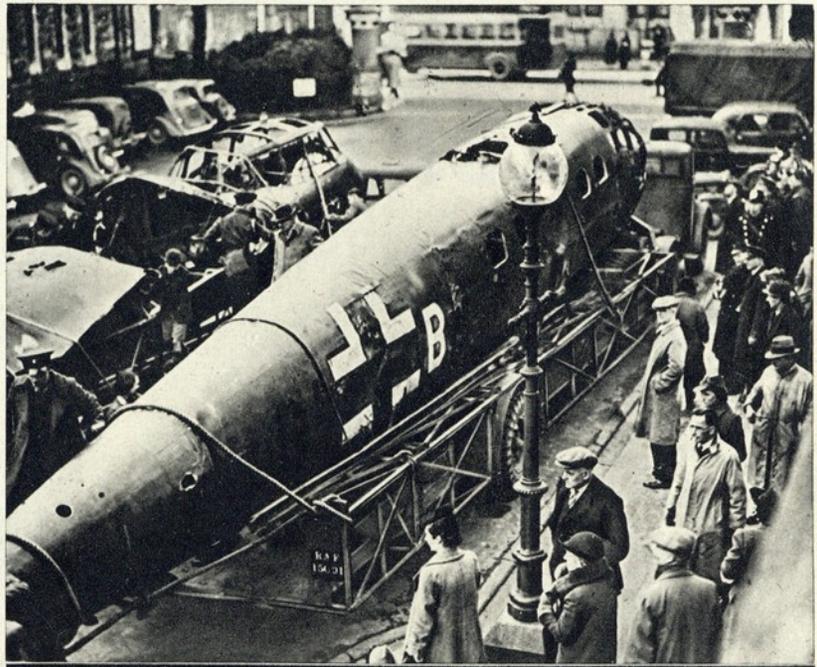
As famosas rendas de bilros primorosamente lavradas



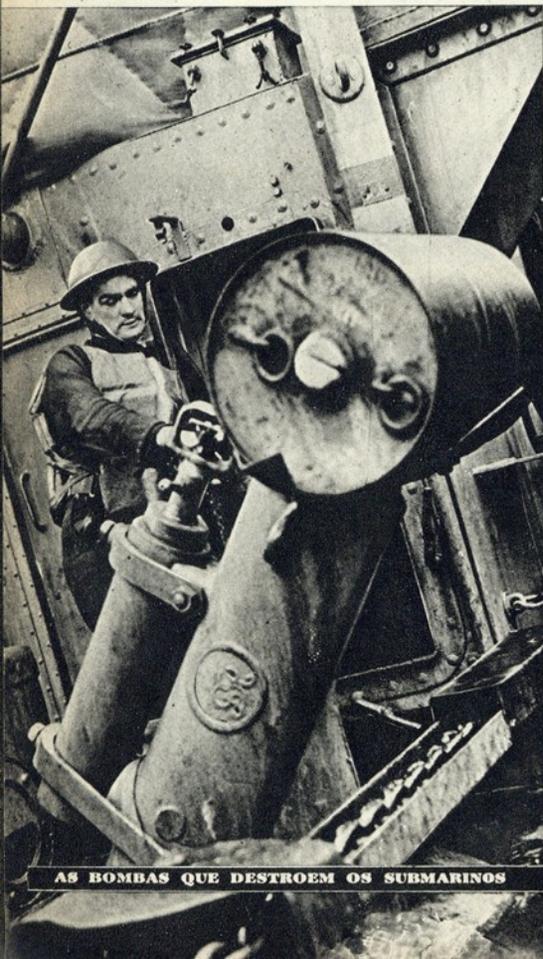
OS ANZACS CHEGAM AO EGIPTO



A FAINA DOS DESTROYERS INGLÊSES



ABATIDO NAS RUAS DE PLYMOUTH



AS BOMBAS QUE DESTROEM OS SUBMARINOS



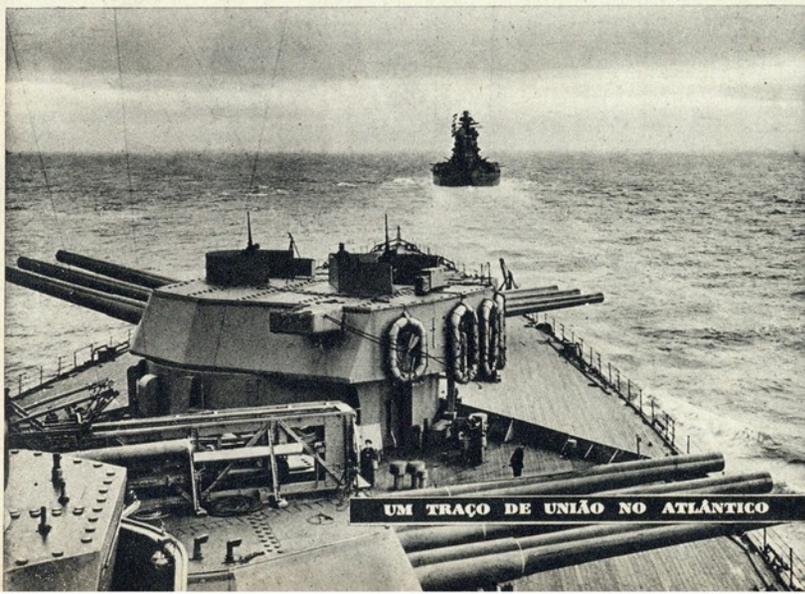
UM ANTI-TANK INGLÊS NO MÉDIO-ORIENTE



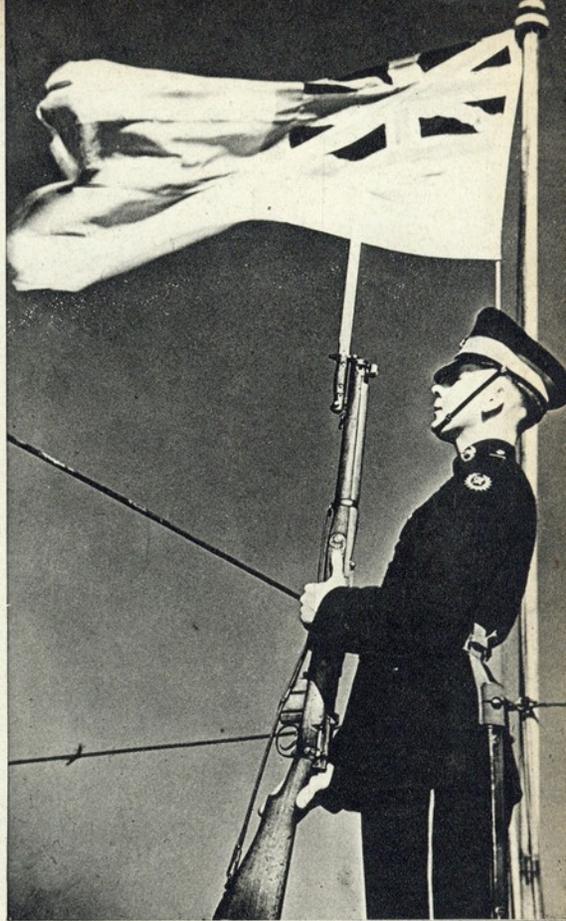
BASTARAM CINCO MINUTOS PARA CONSTRUIR ESTA PONTE



A MOBILIZAÇÃO DO EXÉRCITO INGLÊS É CADA VEZ MAIS INTENSA



UM TRAÇO DE UNIÃO NO ATLÂNTICO



A BANDEIRA QUE TREMULA EM TODOS OS MARES



COMO É VISTO UM RAID EM LONDRES



A «maquillage» é uma arte delicada. Nem todos os dias é a mesma. Depende da expressão sentimental



A mulher em frente do espelho estuda-se minuciosamente, como um pintor o seu modelo favorito

COMO SE FAZ UMA MULHER BONITA ...



○ Sol, quando nasce, para dar a cada Uma mais oiro para os cabelos, mais risos e mais alma — encontra as Mulheres de olhos fransidos e hostis à réstea de luz despertadora que se infiltrou no quarto.

O Sol passara a noite inteira sem A ver... Tem saúdaões... Insiste! Beija-a.

(Ela esteve para fechar ensonadamente gelosias e portas da janela. Ainda teve uns resmungosinhos, uns movimentos...) Docemente pertinaz, o claridade namorada demora a carícia, insinua-se — vence!

Fim do quasi Nirvana, apenas agitado de sonhos brandos... Bocejo — mixto de suspiro e sorriso; espreguiçamento de ressurreição; roupa da cama repelida numa decisão forçosa; péstos nus a procurarem as «babuchas» plumosas e macias; timbre de campainha e ordem para o banho; abraço do roupão ao corpo tépido... E, logo, primeiro olhar, um pedacinho inquieto, ao espelho.

Primeiro — d'uma longa, longuíssima série.

Comêço da tarefa quotidiana na jardinagem da formosura.

A ginástica — uma ginástica leve, especial, em que o ritmo substitue a força e os movimentos se diria escreverem trechos de música — faz espalhar na atmosfera, dulcificando-a, o perfume que no banho se colara ao corpo.

Braços ao alto, a abrir lentamente — são flores esguias que se distendem; unhas em garra, còr de sangue — as pétalas metálicas e macias.

Saltos ágeis; contorsões de rins, quebras e viragens que procuram atingir desportivismo sem se libertarem por inteiro da volúpia que se desconhece...

Depois — carícias de «maquillage». Carícias brandas, mas fortes, porque se marcam em traços, filhos apenas de festas.

Carícias no afeiçãoar, no cingir da Belezza que mãos hábeis criam e dominam ao manejarem lápis e «báttons».

A «travessa» — uma «travessa» paradoxalmente larga, espanhola, com dentes acobratas que mordem ondas de «permanente» — risca estradas na floresta, aplaca revoltas, desenha, enfim, penteados mais ou menos caprichosos.

Um beijo de «bâton», um afago de pó-de-arroz; a personalidade de um sinal manchado a lápis — um lápis que também rasga — criação d'um pintor sem cérebro — dois arcos de sobrecílios orientais e inverosímeis.

«Sôbre a nudez forte da verdade, o manto diáfano... de tódas as fantasias.

São os vestidos — coloridos, inéditos, expressivos, realçantes, (mas ao mesmo tempo, disfarçadores) como a última «mentira» de uma beleza criada. Ou alterada, pelo menos...

A mulher, que sempre nasce linda, não se conforma nunca, apesar disso, com a sua Belezza. Quere alterá-la, retocá-la, colaborar com a própria Natureza.

«...E tão bem Deus a fadou, que ela até sabe emendar a Obra que Deus creou».

Rodrigo de Melo



O despertar. O primeiro trabalho da mulher bonita é calçar uma meia flexível e brilhante que não enrugue

A ÍNDIA AO LADO DA INGLATERRA

ÉSSE longínquo e maravilhoso Império das Índias, imenso território, que abrange 4.735.256 quilômetros quadrados, dos quais pertencem 2.756.010 às possessões britânicas propriamente ditas e os restantes 1.979.246 aos estados tributários, está agora, mais uma vez, em plena actividade bélica, embora não houvessem ainda chegado até lá os temerosos horrores da guerra.

A população da Índia, computada em 319 milhões de habitantes, que pacientemente se deixou devorar, durante longos anos, pelos tigres do Ganges e de Bengala e por toda a ordem de reptis que pululam nos densos juncaes do interior, está, actualmente, mercê duma insistente acção civilizadora, desenvolvendo uma extraordinária actividade, não só na agricultura como nas mais variadas e importantes indústrias.

Parece até que os encantadores de serpentes, os tão populares *sapwallas*, admirados por muitos dos seus compatriotas que, das regiões montanhosas e geladas onde não há esse género de reptis, vêm para as cidades, não exibem já com o mesmo êxito de há dois anos as suas habilidades; e os faquires, êsses mesmo, excepção feita dos mais idosos e mais entorpecidos pelas torturas a que têm submetido os seus corpos, trocam, em grande número, êsses sacrificios de estranha religiosidade pelo trabalho sadio e remunerador que a intensa e bem ordenada produção agricola, mineira e industrial lhes oferece.

Por toda a parte se erguem soberbas e enormes fábricas, onde se trabalha afanosamente, de dia e de noite; os portos estão constantemente cheios das mais variadas espécies de mercadorias, com que se carregam, sem interrupção, navios e navios, que, a todo o momento, deles saem para dar lugar a outros, cujos porões se escancaram de seguida, para serem, da mesma forma, atulhados e, numa interminavel e impressionante sequência, tomarem, através dos oceanos o rumo da Gran-Bretanha, onde vão levar o contributo indiano de mantimentos e matérias primas de que ela necessita, quando não conduzem, também, produtos manufacturados, entre os quais avulta o material de guerra, do mais perfeito fabrico.

O Império Britânico das Índias que, na guerra de 1914-18, apetrechou 1.300.000 homens para o combate, prestou, por essa ocasião, inestimáveis serviços à Mãe-Pátria, pela qual 73.432 perderam a vida e 84.715 ficaram feridos.

E agora, tendo elevado os efectivos do seu exercito para 1.800.000 homens, que aguardam o momento em que seja reclamada a sua presença nos campos de batalha, pôs já ao serviço da Pátria os seus vastissimos e quasi inesgotáveis recursos financeiros, economicos e de produção — esta inteiramente assegurada, por estar muitos milhares de milhas afastada dos bombardeamentos aéreos — e essa colaboração constitue, sem dúvida alguma, um dos mais preciosos factores para a decisão da luta travada na Europa.

Há, presentemente, na Índia Inglesa, uma tão grande oferta de voluntários para o exercito que difficilmente se consegue admiti-los à instrução, por mais ampliado que seja o número de campos para tal fim destinados. Até a instrução de officiais indios teve de ser aumentada de vinte vezes o que era há, um ano.

Constituiu-se uma companhia, com o capital de 37.500.000 libras, para montar fábricas de construção de aviões, as quais estão já em plena laboração. Para se aumentar as fábricas de material de artilharia gastaram-se 5.250.000 libras e, além dum presente de 760.000 libras, que de uma vez, foi enviado ao governo londrino, seguiu para Inglaterra um milhão de sacos de



O Rei Jorge VI cumprimentando os seus leais soldados do Império da Índia, num acampamento da Gran-Bretanha

linhagem para as trincheiras.

Os principes indianos têm concorrido, igualmente, com magnificas ofertas, a que reúnem avultadas somas, entre as quais se salientam 150.000 libras do nizan de Hydebarad, para aquisição duma esquadra de «Spitfires», e 75.000 libras, também para compra de aviões.

Acrescentam-se a tudo isto as formidáveis fornecimentos de mercadorias essenciais ao abastecimento da população da Gran-Bretanha e que, nos últimos tempos, atingiram mais do decuplo do que em tempo normal, e forçados seremos a reconhecer que o Império Indiano tem ao serviço da Inglaterra um portentoso auxilio, capaz de fazer face às inúmeras difficuldades que resultam da guerra actual.

S. Saboya



O elefante sagrado ajoelha aos pés do marajá de Patiala, que faz a entrega simbólica do estandarte de honra a um regimento que vai partir para a guerra



A Índia, com os seus 500 milhões de almas, é um reservatório inesgotável de homens. Na guerra como na paz, nunca se separam do seu característico turbante

Qual o sítio mais bonito de Lisboa?

Responde Luiz Teixeira

É outro jornalista que hoje responde ao nosso inquérito. Um jornalista e um provinciano. É o provinciano, quando é também jornalista, que mais ama Lisboa, que melhor sente os imponderáveis de uma cidade que o não viu nascer, que não foi o seu berço, mas foi a sua escola da vida. As cidades valem por aquilo que nos ensinam ou que nos oferecem. O homem de Imprensa, como Luiz Teixeira, é necessariamente um lisboeta pelo coração e pela inteligência. Lisboa é a derrota ou a vitória para quem um dia pega numa pena e faz dela uma espada. E, o campo de batalha é o próprio destino de quem vence ou cai. É tumulto ou vida. De qualquer maneira, o incomensurável domínio de tódas as ambições. Alarga-se para além dos sentidos e é realidade e sonho. Mas cabe tudo dentro de nós e nós cabemos em pouco quando cerramos os olhos para ver mais distante. Esse pouco é o lugar preferido.

Luiz Teixeira fala-nos d'êle.

«Tudo é encantador nesta terra — menos o sítio onde nos encontramos», escreveu certo jornalista de Paris entusiasmado na contemplação das nossas ruas fechadas pelas águas do rio ou pelo cenário alegre da casaria que sobe num teatral desnível de altar pela encosta das colinas.

Lisboa é, efectivamente, uma terra de lindos horizontes. Os sítios mais bonitos avistam-se do alto, do varandim dos miradoiros. Em baixo,



O velho Passeio Público ressuscita nestas árvores frondosas, que são das mais belas de Lisboa



O espelho-de-água da Avenida, batido pelo sol, parece prata cinzelada



O velho «Tejo» de pedra, na sua penha recoberta de hera, que simboliza o rio tutelar da cidade

pelas ruas, praças e recantos, há coisa melhor que as panorâmicas: — o subtil e envolvente «sentimento» da cidade.

É o alarme dum pregão cantado, a graça duma janela humilde e florida, a luz surpreendente daquelas manhãs de estio com sol tímido e acariciador, harmonia de tons, doçura de ambiente, todo o encanto de mil pormenores delicados e reveladores de que é feita a alma simples, terna e sedutora de Lisboa.

Mais do que um «sítio» bonito encontro neste conjunto um «quadro» isolado e evocador propício às predileções do meu espírito. É ali, na Avenida. Entre o campainhar dos eléctricos e a correria dos automóveis, a estátua de pedra do «Tejo», rodeada de ulmeiros com folhas novas muito verdes, constitue a última sobrevivência do Passeio Público. Há em tudo aquilo, no fio de água que desce pelos pedregulhos da base, no jeito e enquadramento da figura, na claridade suavíssima que a ilumina, o capricho e o enlêvo duma doce sugestão romântica. Faltam os cisnes brancos que noutra tempo lhe cortavam com o seu brando deslizar a imagem simbólica espelhada nas águas do lago desaparecido. Mas quem sonhar um pouco pode tornar a vêr, sob o poder evocativo do local, a Maria do Céu sair da Anunciada para aguardar no banco próximo os galanteios pèrdidos do cavaleiro De Marmont.

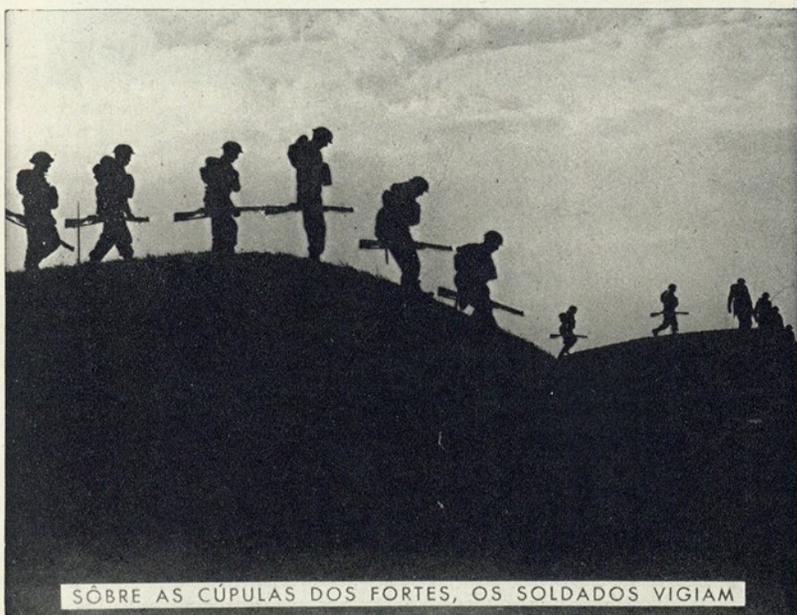
Há ainda no espaço um sussurro de intriguinhas leves e risos infantis. Dir-se-ia que a roda dos elegantes vai tornar a aparecer com os vendedores de «barquilléros» e os moços do capilé. E depois das últimas casacas de briche e de se ter calado a voz dos cegos papelistas que apregoavam o «Panorama», tudo à volta desta figura de pedra parece esperar que o monóculo do Eça volte, para novamente descortinar entre os transeuntes apressados de hoje o Rapozão com os seus sofismas de cálculo interesseiro, Luiza no itinerário do «Paraízo», Acácio sentencioso e cómico, Teodoro descendo da pensão da D. Augusta, o Eça com o rolo do «Átomo» de braçoado, a Ludovina no prosseguimento da comédia conjugal burguesa, tóda a comparsaria que presiste nas palpitantes íntimas da vida social da Lisboa de agora.



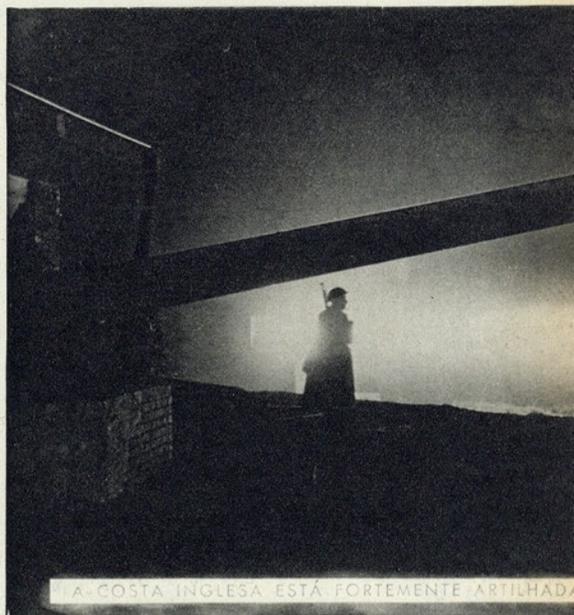
AS ASAS GLORIOSAS DA ROYAL AIR FORCE



O CLARIM DA VITÓRIA DO CABO MATAPAN



SÔBRE AS CÚPULAS DOS FORTES, OS SOLDADOS VIGIAM



A COSTA INGLESA ESTÁ FORTEMENTE ARTILHADA



OS OLHOS DA INGLATERRA SÔBRE A MANCHA



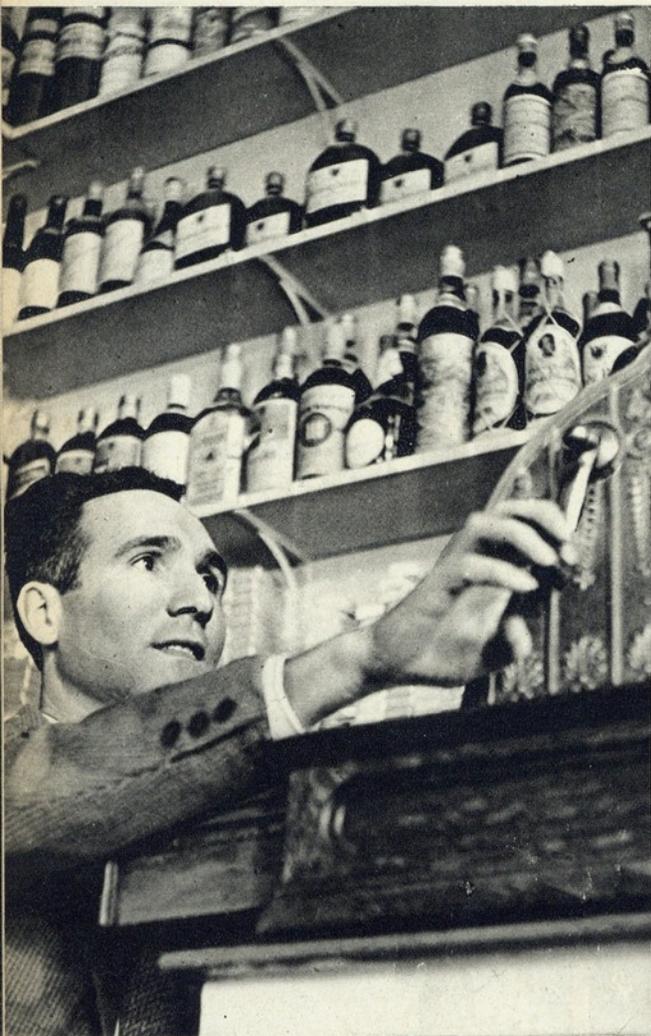
HÁ CADA VEZ MAIS ASAS NO CÉU DA INGLATERRA



Aos domingos, fechada a loja, o autor do «Litoral a Oeste» não é o caixeiro que trabalhou toda a semana, mas o escritor que nos sítios solitários, convive com os bons autores



Tipo de «self made man», o brilhante contista aproveita todos os instantes para fazer a sua cultura. A vida real, porém, interrompe constantemente a imaginação do romance



O escritor José Loureiro Botas ao balcão do estabelecimento. O local, embora prosaico, é um campo magnífico de observação humana. Tipos, almas, dramas e comédias prepassam rés-vés

UM PRÉMIO LITERÁRIO

O caixeiro-escriptor

O Mar é o personagem real, grandioso e dramático deste livro: «Litoral a Oeste», que José Loureiro Botas — um nome plebeu, agora laureado — escreveu «chorando e rindo» sobre velhas recordações...

O mar é o parente comum da sua gente e dos amigos e visionhos da sua família. É o «pai» dos Pescadores... E José Loureiro Botas, prémio «Filho de Almeida» atribuído pelo S. P. N. ao melhor livro de contos, em 1941 é filho de pescadores e não é transfuga do mar...

O autor dos contos, o José Loureiro Botas, teve larga experiência e uma fina sensibilidade a impôr-lhe o real merecimento de contista. Fez leituras desordenadas... Leitura de «cordel» e obras boas, compêndios de comércio e romances de capa e espada, e Gil Vicente, e poetas modernos e Fialho, e Eça e Daudet e os prémios de literatura. Mas foi a grande escola da vida, a vida «vívda com trabalho e humilhações», a vida dos pobres, que lhe requintou a sensibilidade, que o ditou escritor. E este homem, que um prémio literário e oficial consagrou, permaneceu fiel à sua modestia, eloquente na sua simplicidade, coerente com a experiência da vida, sabendo que o seu dia começou a despontar esplendidamente, mas sem pressas de chegar ao fim, apagando-se voluntariamente e distinguindo-se, sem querer, dos intelectuais oficiais, que a fama pública mais do que o valor consagrou...

Era empregado no comércio... E continua servindo ao balcão. Na leitaria em que é primeiro empregado, o escritor atende irrepreensível o freguez, ainda que impertinente... Não se faz rogado nem «pinta» o passado de trabalho humilde para maior glória do presente. Tem uma conversa despida de artificios, sem cordelinhos, como a fala dos seus personagens...

Onde escreveu o seu livro?... «Numas férias em Vieira... Depois de ter concorrido com o «Pinchelim» a uns jogos florais do Ateneu, onde obteve o primeiro prémio.

«Uns amigos e umas pessoas ilustres que eu conhecia apenas de nome, instaram para que escrevesse um livro de contos... Depois, em Vieira, durante as férias, apareceram-me ao lume dos olhos figuras que em tempos de meninice eu conhecera... A maior parte delas tinham desaparecido... Mas eu comecei a falar com elles... Estava feito o livro...»

— Que trabalho tem entre mãos?!

— «Uma peça em colaboração com um rapaz que só eu literariamente conheço...

— Pescadores?...

— Sim pescadores.

— Para quando a peça?

— Quando estiver pronta...

José Loureiro Botas inquieta-se... A conversa começa a impacientá-lo... Há fregueses a atender. Pediu escusa. E foi, com a tenaz dos pasteis, aviar solicito uma «madame» que depois de muito escolher e de muito se informar, se decidiu por fim, por meia dúzia de pasteis de nata. «Mas veja lá se estão frescos»...

— Fresquíssimos, minha senhora...



A GRACIOSA PRINCESA ELISABETH, HERDEIRA DO TRONO DE INGLATERRA, QUE NO DIA 21 COMPLETOU 15 ANOS

(Vêr nas páginas seguintes: A FAMÍLIA REAL INGLÊSA NA INTIMIDADE)



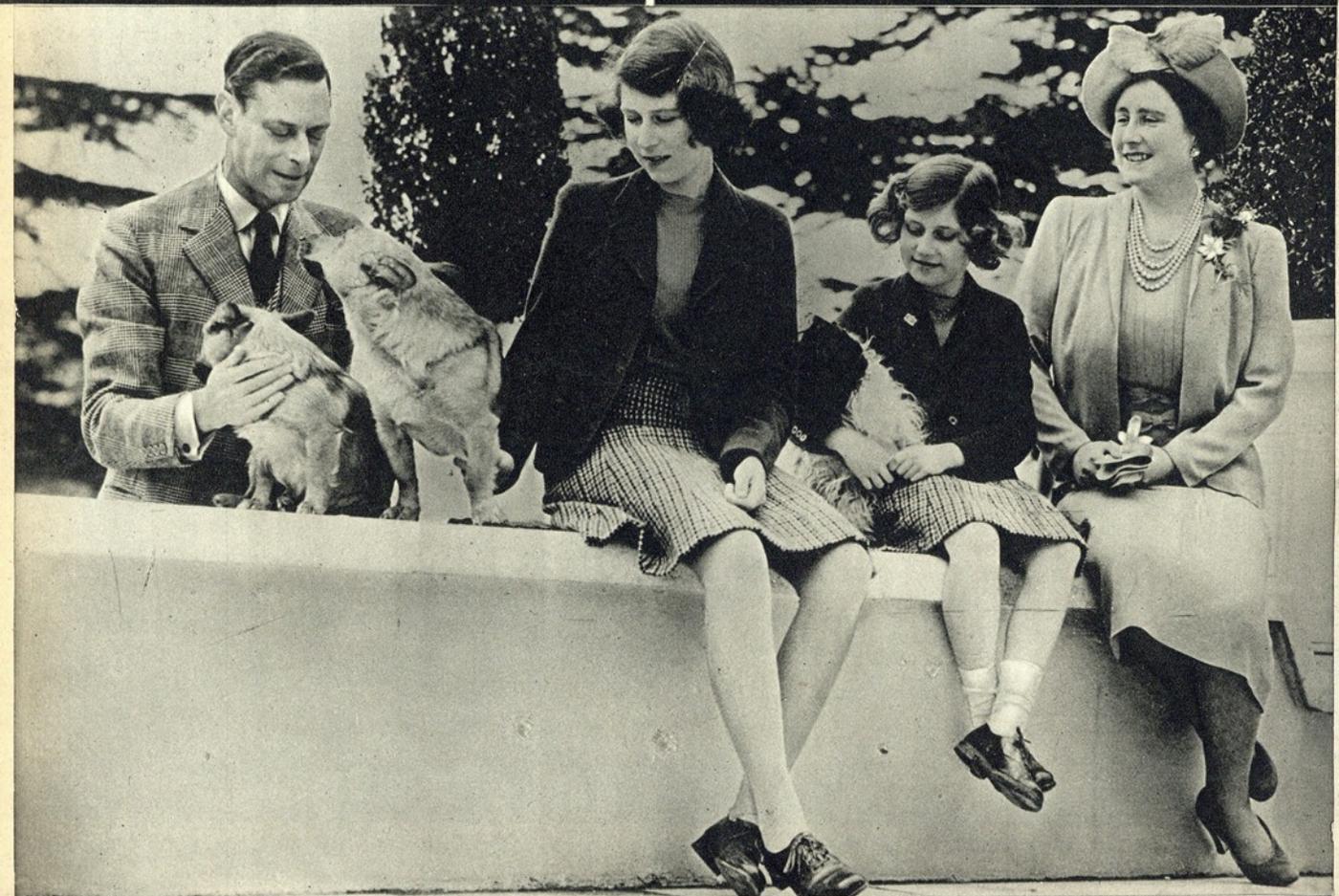
A família real inglesa é duma encantadora simplicidade



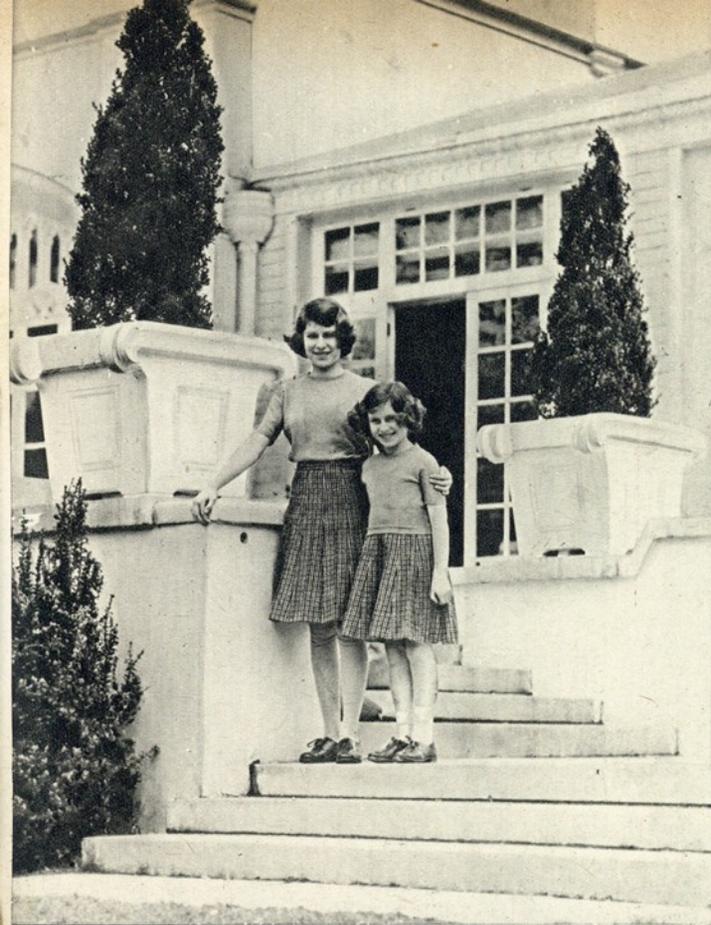
A princesa Elisabeth na sua sala de estudo



As duas irmãs na sala de recreio



O Rei de Inglaterra e Imperador das Índias acaricia os seus cães favoritos



A princesa Elisabeth e sua irmã Margareth Rose



A Família Real no terraço de um dos seus palácios



As Princesas cuidam das suas flores



As Princesas têm um severo horário de estudo. Os seus primeiros trabalhos de aguarela

Página Feminina

de AURORA JARDIM

«Verdades» do Cinema em Hollywood

Certo humorista americano condensou-as em dezassete parágrafos:

I — Garbo é um enigma porque fala mal o inglês.

II — Uma rapariga que veio a Hollywood para se fazer *star* e que o não conseguiu, fazendo-se criada, prova assim que é virtuosa.

III — Um realizador tem apenas o valor do seu último *film*.

IV — Por isso deve ficar 5 anos sem fazer outro.

V — Para ser vedeta é preciso ser loura.

VI — Mary Pickford fez mal em cortar os caracóis.

VII — Em Hollywood há uma indigestão de mulheres louras.

VIII — Todos os casamentos de vedetas que duram mais de 5 anos são desesperadamente felizes e sem história.

IX — Charlot tem génio. — É por isso que quer representar Hamlet e Napoleão.

X — Se, em Hollywood, realizam tantos *films* medíocres é porque são feitos à imagem e semelhança da terra.

XI — Uma mulher com mais de 36 anos é considerada velha.

XII — Os galãs não devem usar chapéu... nem capachinho.

XIII — A importância da correspondência duma vedeta é o termómetro do seu talento.

XIV — Grande influência de bruxas nos meios da celebridade.

XV — Os autores acabam sempre por fazer um livro daquilo que a publicidade inventou sobre eles.

XVI — A mulher do galã tem que ser uma santa.

XVII — Se um *film* é inteligente, chama-se-lhe artístico.

XVIII — Um filme artístico dá sempre prejuízo.

Vista-se assim:

— Para a noite, de preto, se é nutrida e de branco se é morena. Na mão, levará não a antiga saca de pérolas, mas a *minandièrre* que é uma caixa de metal, artística, onde está tudo de que precisa para corrigir a maquilhagem.

— No seu *tailleur* escuro coloque um cravo vermelho em cada banda. Pode repetir o motivo no chapéu.

— Numa colecção, vi há dias um chapéu que parecia um capacete sarraceno, com longo véu caído nas costas. Não o ponha.

— Com o vestido de linho branco, a blusa será sombria, igual aos sapatos e à flôr da lapela.

— A côr da moda é a púrpura. E também: vermelho-sangue e côr de areia. Pode ligar êstes tons em vestido e casaco, sendo êste o mais claro.

— A roda das saias vem para a frente. Quanto ao corpo, modela bem o seio quando tem uma prega vinda de cima e outra de baixo — como se faz no *soutien*.

— Um motivo de *lingerie* alegre o mais austero conjunto. Ou branco ou, se tiver olhos claros, da sua côr.

— O amarelo está indicado para figurar nos acessórios que acompanham vestidos pretos.

Depois dos 40 anos, é preciso redobrar de cuidados

E fazer a maquilhagem muito simples. A primeira coisa que deve aplicar, minha senhora, é um creme bom, como base, se a pele é seca. Se é gordurosa, empregará um leite de beleza, líquido, portanto. Se comprar êstes produtos básicos num tom mais escuro do que a sua pele, melhor será do que branco.

Aplice partindo do fundo do pescoço para cima e veja se adere bem, especialmente junto dos olhos.

Não ponha muito *rouge* nas faces — sempre o líquido que não fica compacto. Mas se a pele for gordurosa prefira-o em pasta. Vá-o colocando até às fontes: ficará mais côr à frente e menos atrás — a arte de esbater deve ser cuidadosamente estudada.

Se o seu rosto é largo e redondo, aplicará o *rouge* no alto das faces, muito perto do nariz. Se é esgulo, colocará tênuamente junto da pálpebra inferior e virá descendo com mais relêvo.

Cuidado: não ponha muito *rouge*: envelhece em vez de rejuvenescer.

Não se esqueça de dar um leve toque no lóbulos da orelha, principalmente se usa o cabelo para cima.

Agora o pó: deve ser mais escuro do que o creme. Aplice-o também da garganta para cima com uma fina e suave borla de arminho, sempre limpa. Ponha muito pó e depois tire o excedente com uma escovinha fina.

Temos agora o *baton*: deve ser no mesmo tom do *rouge*. Usa-se agora o encarnado vivo, bastante gorduroso, para dar brilho. Seque bem os lábios, pois a humidade impede a tinta de pegar bem. Há quem preconize o uso dum pequeno pincel para recortar o desenho da boca, mas acho que poucas senhoras terão paciência para o aplicar. De maneira que será a pintura directamente feita com o *baton*: primeiro o lábio superior, depois apertar sobre o inferior onde já fica o desenho, sendo preciso apenas encher e finalizar. Colocar entre os lábios um papel fino para tirar o excedente.

Et voilà! como diz Josephine Baker a feia que consegue ser bonita...

VERDADES

O apaixonado prefere a noite. E' quando pode estar sozinho, entregando-se então, absolutamente, à recordação do que foi bom e à moedeira do que foi mau.

Mas bom ou mau, pensar no outro, é já a felicidade.

★

Quando se deixa de amar, parece que passaram séculos entre um estado e outro. E' tudo mais sereno, mas quanta saúde do anterior tumulto!



A
ELEGANCIA
DAS
NOSSAS
FILHAS

Sport



O DERBY EM INGLATERRA

AS CORRIDAS DE CAVALOS DESPORTO DOS REIS

AS corridas de cavalos são oriundas de Inglaterra, que é a pátria de quase todos os desportos. É um desporto muito antigo e muito popular. Apesar disso as corridas dos puro-sangue é considerado o *desporto dos Reis*, tal a predileção que os soberanos do Reino Unido sempre têm revelado por estas corridas. Diz-se mesmo que Henrique VIII foi um excelente caçador, disputando algumas provas célebres. Carlos I instituiu a primeira taça para uma corrida de cavalos. Carlos II foi um entusiasta invulgar. A rainha Ana e a rainha Vitória mantiveram durante anos uma caudalaria, para a selecção de cavalos de corrida. O rei Eduardo VII foi não só um grande entusiasta como um dos mais importantes possuidores de cavalos de corrida. Os seus célebres cavalos «Persimmon» e «Diamond Jubile» foram vendidos cada um por cerca de três mil contos.

O puro-sangue inglês é, por assim dizer, um produto da mais rigorosa e cuidada selecção zootécnica. É um produto originário de três famosos cavalos africanos: Galdofin e Daley, de origem árabe, e o Byerly, de origem turca. A mistura destes sangues produziu extraordinários cavalos de preços fabulosos. A Gay Crusader teve a oferta de cem mil libras e foi recusada. A égua de cobrição, chamada «Fair», foi paga por mil e quinhentos contos.

No Reino Unido há uma infinidade de corridas anuais. Cinco, porém, são as clássicas e as mais importantes, tanto pela categoria dos cavalos que reúne, como pela numerosa

assistência que segue essas competições, e, sobretudo, pelo valor das apostas que movimentam. São elas o célebre Derby, de Oaks, St. Leger, Mil Guíneos e Dois Mil Guíneos. Os bilhetes de entrada para estas corridas esgotam-se muitos meses antes. No dia destas corridas cada bilhete atinge preços fabulosos.

O Derby é a principal de todas as corridas da Gran-Bretanha. Foi instituída em 1780, pelo décimo terceiro conde de Derby. Corre-se em Epsom, no percurso de milha e meia. O seu mais famoso vencedor foi o cavalo «Hermit», de Chaplin, quando a marquesa de Hastings perdeu a bagatela de cem mil libras que havia apos-

tado no seu cavalo «Vauban», o grande favorito, que veio a ser derrotado.

A Oaks realiza-se também em Epsom, na semana do Derby, e é disputada no mesmo percurso, mas reservada aos cavalos de três anos. Disputa-se desde 1878, e foi também criada pelo conde de Derby.

As corridas de St. Leger disputam-se em Doncaster, numa quarta-feira de Setembro. Foi instituída em 1776 pelo coronel St. Leger, em Poskhill. Inicialmente, era uma corrida para cavalos de três anos. Depois, tornou-se uma prova aberta a todos os cavalos. O rei Eduardo VII, ainda príncipe de Gales, foi o vencedor em 1836,

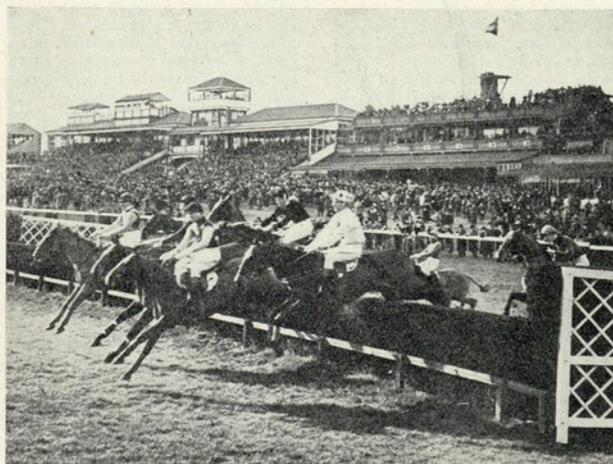
com o seu magnífico «Diamond Gabilee». A corrida de Mil Guíneos, foi instituída em 1814 e disputa-se em Newmarket, no percurso duma milha para cavalos de três anos.

Na corrida de Dois Mil Guíneos disputa-se também em Newmarket, desde 1809, ano em que foi criada, num percurso de uma milha.

Os principais jockeys ganham ordenados fabulosos. O *record* está em sete mil libras pagas para a transferência dum jockey dum proprietário para outro. Nos tempos modernos os principais foram George Fordham, Fred Archer, Charles Wood, Tom Cannon e seu filho Marnington. Archer, em 1885, estabeleceu o magnífico *record* ganhando 246 corridas, o que dá uma ideia da valia do cavaleiro e da receita que devem ter feito os cavalos que ele conduziu. Vem a propósito dizer que o prémio mais alto até hoje ganho por um cavalo foi de 60.000 libras, em 1927, no Derby, pelo cavalo «Call Boy», de Sir Mallaby Deely.

Estas breves notas dão uma pálida ideia da importância e do interesse que as corridas de cavalos possuem em Inglaterra. Hoje mesmo, apesar da guerra, a vida inglesa mantém-se quase inalterável e as corridas continuam a ser um desporto favorito dos ingleses. Em 25 de Março abriu a *season* e, até Setembro, sucedem-se em todo o Reino Unido as corridas, tanto mais que, de dia, não há bombardeamentos aéreos, pelo que têm sido autorizadas as reuniões desportivas, que reúnem milhares de espectadores.

C. de O.



Uma partida emocionante

A FOME DE ALCINO

NOVELA DE FERNANDO CALIXTO

ERA bem diferente, ali, a vida. O caldo da tabela e sua raçoizota de arroz. Nada mais. E o Alcino da Alta sentia-se vilmente desgraçado. A mōcada que o atirara para a enfermaria era, afinal de contas, um caso arrumado. Tão arrumado que ele não dera fê do malvado que lha pregara mesmo no alto da cabeça. Talvez o Judas sapateiro, o do Arco da Traição, fôsse o autor da «partida» por o saber unha com carne com os senhores estudantes...

O Judas ou o Pedro Caiador... um dêles fôra...

Alcino jurava. «Tivesse salva a sua alma!...» Mas, enfim, com os cuidados dos srs. estudantes, «uns caras direitas», todas de volta dêle, Alcino contava pôr-se a salvo e para longe daquelas redondezas. Quizesse Deus que a comida fôsse em mais abundância! E era aí, nesse capítulo, aliás fundamental, que as dúvidas de Alcino eram maiores. Remédios sem a ajudasinha de uns bons nacos não podiam, no seu entender, endireitar um homem que perdera carradas de sangue! Mas o quê?! Até pareciam estar feitos para o matar à fome! Havia de ser por força um caldo magríssimo, transparente, e arroz de empanturrar um pintassilgo! Nada mais. —Se queres, queres, se não, há mais quem coma. E governa a tua vida.

Ora Alcino afligia-se mais com êsse proceder do que com o fermento que recebera, mesmo no alto da cabeça, das mãos do Pedro ou do Judas, pois ambos tinham fama de rufias e traidores.

Ao menos se êle pudesse convencer o sr. Bento enfermeiro, ou o Carlos, filho da Júlia, rapaz da sua criação e ali naquela enfermaria uma autoridade, com o seu galãozinho de praticante!... Qual o quê?!... E' o convences. Os homens, quando mudam de posição, variam de ideias—concluía amargamente o Alcino, apoiado na experiência de vinte anos «tu cá, tu lá» com a miséria. Estava visto. Na enfermaria todos eram contra êle. Até os companheiros. O da Palhaça, porque tinha a barriga aberta, o de Grichões, porque acreditava ficar maneta e o de Aveiro... e outro... e outro ainda... Porque êle era calado, sofredor, e não era por estar a ganhar que um homem engana as dores. Até havia uma alma danada que dissera ser manha a doença dêle. Manha! Com doze pontos na cabeça?! Doze pontos, naturais. Mas com «isso» bem podia o Alcino. Já sabia que o maior inimigo do pobre era o mesmo pobre. Com a fome é que não. «Isso» era outra loiça. Com ditos o caso estava bem. Mas em lhe mexendo na barriga, o Alcino perdia a cabeça. Assim



fôra sempre. Nunca se importou com tudo o mais. Nem se afligia que as mulheres se rissem dêle: «Pois êle bem as conhecia! Se as conhecia!»

No dia em que os srs. doutores recebiam a meçada, caía o poder do mundo da tricana-gem da Alta, lá na República, em festas e dansas que até parecia que se casara o Rei... Questão de três dias. Depois, faziam-se esquecidas.

E até um dia, que êle contara o que os seus olhos tinham visto dos amores da Elisa vesga com o dr. Soveral, tivera de dormir na Torre da Sê, com o «pê de vento» que se armou. Ah, Alcino, o que tu sofreste por seres linguareiro! O dr. das Ilhas era um «pai» para ti. Comida sempre garantida. E nos dias de mesada fresca a bela charutana. Um mãos largas, que as tinha, e

fidalgas! E' certo que nem tô-das essas deferências eram por amizade. Mas o calado é o melhor. Dissera-o pessoa que entendia de melões e de homens. Tu eras obrigado às atenções do dr. ilheu e nada ao Moysés archeiro. E certo que levavas recados, cartas e bilhetes à Leopoldina. Mas isso não eram contas do teu rosário. Durante quatro meses guardaste o segredo como a água tranqüila de um poço a pedra que lhe é arremessada. Mas, afinal, para que guardaste o segredo? Para na sexta-feira de Paixão, com um grãosito na asa por bem teres guardado o jejum, irres despachar tudo o que sabias nas vendas do Moysés. Disseste tudo para lhe abateres as farroncas e por êle não te pagar um copo de branco. Mas a verdade é que vendeste um amigo por um copo! Ainda te lem-

bras?... Pois, com que então a sr.^a Leopoldina deu a vocecê um filho e não paga um cópo?!... Pois haja saúde! Eu sei onde ir bebê-lo... Ao dr. das Ilhas. Tem mais direito de pagar...

Eras atrevido... Alcino. Valem-te as pernas... primeiro, e, depois o Saraiva, o das fôrças, que o Moysés irado ia para arrefecer-te o fígado e qualquer outra viscera que tivesse mais a geito. Mas onde vai isso, santo Deus! Histórias e histórias velhas que não remediavam a sua situação. Ainda se os senhores doutores, os seus queridos patrões, se lembrassem dêle, trazendo-lhe da República uns ovitos que êle amassaria numas riquíssimas gemadas?! Enfim, seria o que Deus quizesse. Alcino, pensando bem, tinha algumas queixas de Deus. E apontava-as. A sua cabeça rude nunca aprendera os mandamentos da sua sagrada Lei. Êle queria. Mas a cabeça não dava. Foi sempre o primeiro a ir alombar com o andor de S. Bartolomeu e nunca se fez esquisito a agüentar o guião grande. Então «isso» não valia de nada? Alcino não se revoltava mas, no foro íntimo do seu entender, achava que muita coisa não estava certa. O essencial era tomar uma resolução. Bem ou mal, havia de tomar providências... E Alcino tomou-as... Se de dia a enfermaria é triste, fôra a hora das visitas, em que vinham sempre uns doutores, com a carteira pronta de cigarros e com muitas promessas para quando estivesse melhor, à noite apavora. A luz reduz-se. Os rostos imobilizam-se, fixam-se numa dor que não adormece. Os doentes parecem ser cadáveres a que fôsse dado o condão de sofrer e o direito de traduzir a vida num gemido. Era a hora por que o Alcino esperava. Cheio de cuidado dirigiu-se para o pavilhão onde se encontrava instalada a cozinha. Ninguém. Abriu o armário grande. As suas mãos ávidas e trémulas agarraram numa lata de conserva. Abri-la—e que bem que cheirava! —foi obra de um momento. Havia ali, também, um fornecimento importante de biscoito de água e sal. Biscoito com atum! Uma delícia! E um vinho branco de se lhe tirar o chapêu. E um guizado de carneiro. Alcino pensou que uma vez curado tinha de conseguir sêr, quando mais não fôsse, criado do hospital, e comeu, comeu muito, por uma vez. Não chegou a sentir-se incomodado. Nem gritou. De manhã, os moços de limpeza deram com êle deitado de bordo, em frente do armário grande. Os médicos não tiveram dificuldade. Inscreveram na tabuleta o último acidente do Alcino: «apoplêxia fulminante».

MUNDO GRÁFICO

REVISTA DE ACTUALIDADES NACIONAIS E INTERNACIONAIS

ASSINATURAS

12 números 18\$00

24 números 36\$00

Pedidos à Administração:

Rua de S. Nicolau, 119-3.º

Telef. 2 5240

LISBOA

MAL DISPOSTO depois de uma boa refeição?



Uma boa refeição deveria dispor bem. Ao contrário, sente-se pesado, mal disposto. Da mesma forma, uma noite de 8 ou 10 horas de sono, em vez de repousar, deixa-o triste, fatigado. Tem dores de cabeça, de rins.

Há qualquer coisa que não está certa, a prisão de ventre, com certeza. Os seus intestinos funcionam com a regularidade de um relógio? Não importa. Não basta que as suas funções intestinais se exerçam com regularidade. É preciso que elimine completamente. Caso contrário, há venenos que se acumulam no sangue e produzem um mal-estar geral. Uma forma excelente de assegurar eliminações perfeitas, consiste em tomar, todos os dias, logo ao acordar, uma «pitada» de Sais Kruschen. Esta «pequena dose» contém precisamente os sais minerais que são necessários para assegurarem o perfeito funcionamento intestinal. Os venenos são expulsos de todo o organismo e a saúde acentua-se dia a dia.

A pitada de

KRUSCHEN

basta para que se sinta optimamente

Toma-se com o chá ou em água quente. Kruschen vende-se em tôdas as farmácias, a 17\$00 e 10\$00 escudos o frasco.

DOI-LHE O ESTOMAGO QUANDO ACABA DE COMER?

Quando as digestões são difíceis, se sofre de azia ou de flatulência, é um verdadeiro tormento comer. São dores, má disposição, o demónio.

Mas é fácil acabar com todos estes males. Basta ter o cuidado de tomar 2 Pastilhas Rennie, depois de cada refeição, para se poder apreciar o prazer das boas comidas.

Na composição das Pastilhas Rennie entram: anti-ácidos que neutralizam a acidez; absorventes que reduzem os gases e fermentos que facilitam o trabalho digestivo.

As Pastilhas Rennie são fáceis e agradáveis de tomar. Não é precisa água. Desembrulham-se, metem-se na boca e chupam-se como qualquer caramelo. A própria saliva se encarrega de servir de veículo aos seus componentes, que atingem o estômago com tôdas as propriedades e força, sem a menor diluição. Duas Pastilhas Rennie acabam com as dores de estômago em cinco minutos. Vendem-se em tôdas as farmácias a Esc. 6\$00 os pacotes de 25 e Esc. 20\$00 os de 100 pastilhas.

CAMÕES, JEAN MORÉAS E A FONTE DE MÉDICIS

ESTÃO na berlinda as recordações heróicas da Grécia. A arte e a poesia atenienses são lembradas em paralelo. Justo é que não esqueça nestas homenagens o nome glorioso do helénico Jean Moréas, irmão do alemão Henri Heine no amor que tinham a França, onde se exilaram voluntariamente, alegremente. O espírito dos dois geniais vagamundos escolheram aquela terra de liberdade, como outros poetas ingleses preferiram os encantamentos de Itália.

Jean Moréas foi um dos poetas das minhas paixões de rapaz. Quando estudante em Paris, aprendi a amar-lhe os versos das *Estâncias* e *Cantilenas*, a sentir os seus *Contos da Velha França* e da *Viagem da Grécia*, a admirar a forma e a poesia de todas as suas *boutades* e emoções. Foi um dos meus deuses. Nenhuma anedota ou peripécia da sua vida intelectual de perpétua aventura escapou à minha curiosidade, desde os debates fidalgos com os amigos do grupo de *La Plume*, às arrogantes repostas dadas a uns apaches que o troçavam — «Moi aussi, j'ai été maquereau!...» Calçuriei jardins, cafés e lugares suspeitos para conhecer certos segredos da sua vida boémia, romântica e orgulhosa, de estrangeiro mais parisiense que quasi to-



JEAN MORÉAS

dos os parisienses. Autêntico parigot de Montmartre, do Quartier Latin ou dos *fortifs*, tão depressa perdoava os pecados de Verlaine que ralhava com a mãe pela generosidade dum bife dado ao camarada, como descia a blaguear no Vachette, a cerveja na Closerie ou a provocar polémicas numa roda de *pernots*, a propósito dos «Parafos Artificiais». Era então moda, noite alta, com mulheres galantes e *dandys* da literatura, fazer-se o *Tour du Grand Duc* pelos *cabarets* elegantes e pelos *bistrotts* da canalha. Moréas era um príncipe desta boémia, sem chêta na algebeira mas opolento de espírito na ponta da língua. Há frases suas que ficaram tão célebres como os seus versos.

Do alto da Butte às sombras da Montanha de Santa Genovevas, do Lapin Agile à Taverne de Versailles, toda a gente o conhecia, o admirava e sabia da sua glória de nômade, *À Wiesbaden, sur la colline, le cimetière russe est si doux que l'on perdonne à la vie. Connaissez-vous le musée de l'Acropole d'Athènes? C'est un tombeau. Le Tibre est pareil aux portiques romains. Il est noble sans grâce. J'ai vu les plus belles mains se piquer à coudre pour les soldats.*

Em Paris adorava andar à chuva, heróico de soberba, como Barbey ou Baudelaire, com melênas de Apolo e o monóculo à Eça para ver só a beleza do que lhe convinha e La Gandara e Picasso o desenharem. Frequentava as mansardas das *midinettes*, os *bas-fonds* das betêngas à beira Sena, os salões aristocráticos de Saint-Germain e os cabotinos das reciosas *bas-bleus*; os jardins todos da cidade.

Entre estes — e todos são belos sob a maravilhosa luz que os sublima — tinha predilecções sentimentais e intelectuais pelo Du Luxembourg. Cantou-o, exaltou-o em todos os seus encantos de inverno ou de primavera; as suas Rainhas de França ao redor da avenida do lago; os monumentos a poetas seus irmãos, recolhidos na intimidade das árvores frondosas; a fonte de Carpeaux, o Sileno de Dalou a glorieta a Delacroix; as flores, as crianças, as *miss*, os *rapins* e a luz; os versos decorativos da balastrada que separava a *plage* onde havia música, *grand guignol* e *rendez-vous* da fina flor mundana e literária, que Manet pintou; o palácio, a fonte de Médicis... Esta, em especial, era a sua paixão de amoroso. La fontaine de ma belle Marie, com tanques em socalcos, sempre revestidas de nenúfares e fôlhas de ouro velho; com peixes aos cardumes aos quais a petisada deitava migalhas; com amorosos em extase ao seu redor, entrelaçados como as guirlandas de loureiro que decoravam as intimidades silenciosas da fonte, sobre a qual as pombas de neve instalavam seus ninhos. Enegrecida pelo fumo civilizado da capital, com laivos de prata esmaecida, que a neve havia aberto para realce de coloridos cenográficos, fora obra de Otton. Dentro dum nicho, Acis e Galateia, em deliciosas atitudes de ternura que a alvura do mármore modelava, eram surpreendidos pelo gigante ciumento e da pedra enegrecida, Polyphème que no alto, como um Adamastor terrível, barbado, hirsuto, musculoso, lhes lançava um pedregulho traiçoeiro.

Quantas vezes recordo êsse Paris que morreu, os seus poetas imortais e aquelas esculturas da Fonte de Médicis, onde verão e inverno nunca faltou um pintor de cavalete armado a fixá-la, nem um poeta amoroso a contemplá-la, nem um casal de pombos a arrulhar, inocentemente, sobre o calhau covarde do feroz gigante! E quantas vezes aquela cena de ciúme e de traição me parece simbólica aqui a distância do jardim de Moréas e do tempo feliz das minhas ilusões, quando os amigos desconheciam o sentido e as torturas de inveja! António Nobre, lá pelo Bairro Latino, bem nos ensinou que a Felicidade era coisa modesta; honesta e só possível quando se tem apenas um quarto de ano. Mas o tempo é como os amigos e o desejo Polyphème, que Samain dramatizou num poema de subtil comação.

Moréas, glória da Grécia e glória do mundo todo, que ousou dizer a propósito dos poetas franceses, «je ne me compare à personne», no seu sublime cinismo de cultor de paradoxos, escreveu um dia: «Je goûte assez le naufrage de Camões...» Chegou a hora igual de admiração e de ternura, de dizermos o mesmo das vitórias da sua pátria, que como Camões soube salvar o poema da sua história.

Diogo de Macedo

Este BIOCEL Alimento para a Pele TIRA DE CERTEZA AS RUGAS



«O seu efeito foi quasi mágico. Em algumas semanas fez-me parecer 10 anos mais nova. O BioCel — disse-me um especialista — é a descoberta dum grande Professor da Universidade de Viena. Cada boião de Creme Tokalon, Cór de Rosa, contem-o actualmente. Empregue este creme todas as noites antes de se deitar e, de manhã, ponha o Creme Tokalon, Cór Branca. Adquirirá rapidamente a frescura da mocidade, renovará a vitalidade às tez escuras e terrosas, tornará a pele clara, fresca, firme e isenta de imperfeições e de rugas.

Vende-se em qualquer perfumaria ou boas casas de ramo. Não encontrando escreva para o depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção — Lisboa — que atende na volta do correio.

PASTA
MEDICINAL
Couto

TRATA gengivas
descarnadas
EVITA estomatites

PASTA MEDICINAL Couto
não é uma pasta vulgar



Sabú, o herói de

“O LADRÃO DE BAGDAD”

Com a realização do filme, o «Ladrão de Bagdad» em que a realidade e o sonho se dão as mãos através dum temperamento sensual e apaixonante, Alexander Korda assina com o público uma escritura de arte e de bom gosto. Como ele, nenhum tem o segredo do imprevisível. As imagens sucedem-se, umas às outras, num máximo de cor e de movimento, como se fosse um cortejo faustoso de europeus, de joias, de flores e de mulheres de inenarrável beleza. Cada quadro é um espectáculo que nos aprisiona os sentidos numa vertigem de emoção cada vez mais alta e mais bela. No seu «O Ladrão de Bagdad» é a cúpula da produção de Alexander Korda. Nada o detem, na ansia de fascinar o público com surpresas maravilhosas. Para ele, a tela não tem as proporções duma superfície limitada. Pelo contrário: faz dela um horizonte infinito, onde o seu talento ergue em alma, corpo e espírito, toda a grandeza fulgurante duma aventura que tem por protagonistas um pequeno ladrão, ardiloso e matreiro, e um poderoso rei que um dia sai do seu palácio e se oculta entre o povo duma cidade tão linda como misteriosa: Bagdad. Nunca se produziu melhor, nem o cinema ergueu tão alto as suas poderosas forças de expressão plástica!

A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, ao proclamar os resultados da sua votação para 1940, incluiu este filme entre as melhores películas premiadas. Alexander Korda recebeu, por esse motivo, o troféu destinado aos «efeitos técnicos». Os truques de «O Ladrão de Bagdad» foram considerados os mais notáveis e os mais perfeitos de 1940.

«O Ladrão de Bagdad», uma das mais extraordinárias «performances» do cinema britânico, tem por principais intérpretes, em criações inolvidáveis, Sabú, Conrad Veidt, June Duprez e John Justin.

C I N E M A

A grande batalha dos estúdios ingleses

UMA OFENSIVA VITORIOSA!

LONDRES ainda vive! E cada vez dilatando mais a sua força imensa e indestrutível, estuante de energia e ativa como um roble, que não teme a fúria! Londres é assim... em plena guerra! Que importa o sangue de algumas feridas, se o coração é tão forte como a morte? Dentro das suas muralhas de aço, o génio dos seus filhos continua a não conhecer limites de expressão... cultiva as artes com o mesmo fervor com que maneja uma espingarda, uma metralhadora ou um avião... Quem diz que Londres sofre? Desde a brenha mais dura à campina mais adusta e ao rochedo mais maninho, a Gran-Bretanha é sempre a mesma: inangível, augusta, forte e indestrutível. Há um ano ninguém acreditaria que os mentores da indústria cinematográfica fossem capazes de formar uma frente única tandente a oferecer uma tenaz resistência àqueles que, pouco a pouco, pela infiltração, iam cavando a sua ruína e absorvendo todos os grandes recursos de vitalidade do cinema britânico. Os maus dias, felizmente, já vão longe... Da união de todos os produtores, fortalecida por um conjunto de disposições oficiais e com o apoio do público, resultou a atribuição dum crédito maior para o filme inglês. Hoje, produz-se com calma. A quantidade cedeu o lugar à qualidade. Os filmes, principalmente os de recente feitura, como «O Ladrão de Bagdad», revelaram melhor aproveitamento de recursos técnicos, outra desenvoltura de realização e outro cuidado na selecção dos argumentos e dos elencos. Paire em todos eles um novo espírito de renovação. O poder de compra aumentou. Este facto, que há muito se não verificava, traduz o interesse de muitas capitais pelo filme britânico. A grande batalha que os estúdios ingleses principiaram a desancendar, com a cessação da guerra, está prestes a atingir os objectivos que a fizeram deflagrar: defesa da economia cinematográfica, satisfação das necessidades do país, estabelecimento de novas rdes de expansão e conservação dos seus mercados exteriores, em cujo número figura Portugal, que todos os anos adquire uma quantidade apreciável de películas inglesas. Eis algumas referências sobre aquelas que marcam a vitoriosa ofensiva do cinema britânico:

«Hips», produção da Gainsborough Pictures, baseada numa obra de Wells, e em cujo desempenho participam Michael Redgrave e Diana Wynyard. A mesma firma está concluindo «Spitfire», filme de aviação, em que se enaltecem alguns dos mais surpreendentes feitos da «R. A. F.»

«This England», uma das melhores realizações de David Mac Donald, com Emyln Williams, John Clements, e Constance Cummings.

«Atlantic Ferry» narra a história da conhecida companhia de navegação «Cunard», desde os tempos da sua fundação. A realização é do veterano Walter Ford e nos principais papeis figuram Michael Redgrave e Valerie Hobson.

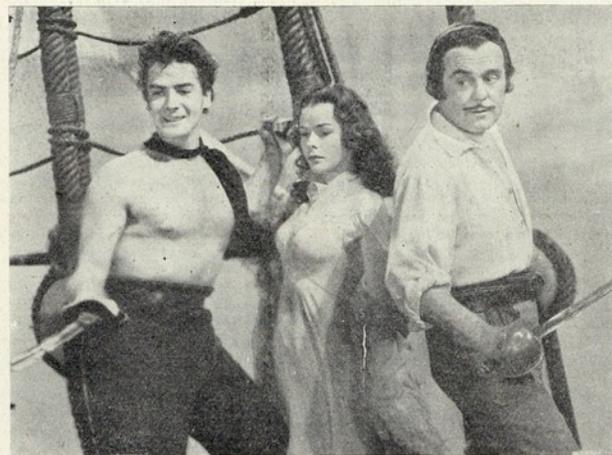
A «British Lion» está terminando a produção dum filme sobre a vida de Leslie Stuart, famoso compositor, a quem se devem algumas das mais célebres canções inglesas. Protagonista: Robert Morley, o admirável Luis XV de «Maria Antonieta».

A Gainsborough Pictures está procedendo à conclusão de dois filmes, igualmente notáveis, segundo se afirma, e que se intitulam «Cottage to Let», com Leslie Banks, e «Pitt, me Younger», cujo argumento é baseado na vida de William Pitt, famoso político da época da rainha Victória.

Leslie Howard, o admirável intérprete e realizador de «Pigmalião» está filmando, sob a sua direcção, nos estúdios de Alexander Korda, uma película intitulada «Pimpernel Smith».

A realização destes filmes, como de outros a que oportunamente faremos larga referência, colocam-nos diante desta admirável realidade: o cinema inglês continua!

António Lourenço



Victor Mature, Louise Platt e Leo Carillo numa cena do empolgante filme «Capitão Invencível»



Uma admirável expressão de Boris Karloff em «Ressuscitados»

ACTIVIDADE

- ★ James Stephenson, conhecido actor inglês, que desempenhou o papel de protagonista em «Calling Philo Vance», foi emprestado, pela Warner, à Republic, para encabeçar o elenco de «Wolf of New-York». Stephenson tomou parte, recentemente, em «We Are Not Alone», ao lado de Paul Muni, e em «The Private Lives of Elisabeth and Essex», o célebre filme de Bette Davis. Em «Calling Philo Vance», primeiro duma série que tem o «detective» Van Dine como herói, Stephenson tem por parceiros Margot Stephenson e Edward Brophy.
- ★ John Sutton, o jovem artista britânico, que vimos esta época em «A Torre de Londres», ao lado de Boris Karloff e Basil Rathbone, renovou o seu contrato com a Universal, em virtude da sua magnífica criação em «A volta do homem invisível». John Sutton participa no elenco de «Charlie Mc Carthy, Detective».
- ★ Alice Eyland, por muitos considerada o «modelo» mais lindo do mundo, foi contratada pela Universal, que pretende elevá-la à categoria de estrela, num dos seus próximos filmes. Alice tem apenas 21 anos e, durante muito tempo, foi a «estrela» de anúncios do cigarro «Chesterfield». Loura e formosa, Alice revela possuir um grande talento dramático.
- ★ Muriel Angelus, a grande vedeta inglesa, que se estreou, em Hollywood, ao lado de Ronald Colman e Ida Lupino, em «The Light that failed», mereceu da crítica americana os mais altos louvores pela sua interpretação em «The Way of All Flesh» e «Down Went Mc Ginty».
- ★ Fred Astaire, que acaba de interpretar «Second Chorus» para a Paramount, foi contratado pela Columbia. Alguns números de música daquele filme são da sua autoria.

OS VELHOS AMIGOS SÃO OS MELHORES



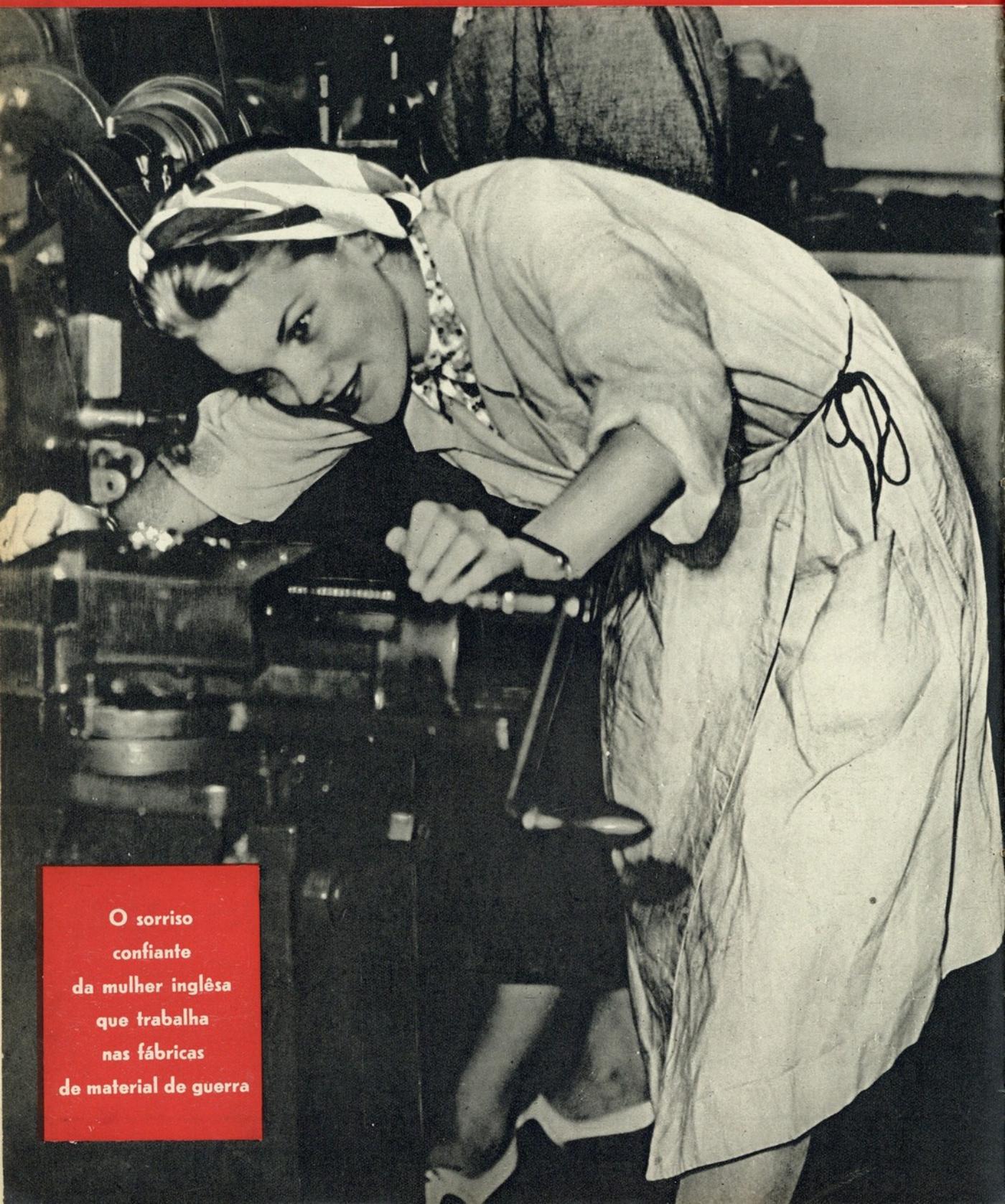
A Portugal — o mais antigo aliado da Grã-Bretanha — a Grã-Bretanha oferece os meios de transporte mais modernos. É natural que a Grã-Bretanha continue a manter os serviços para Portugal e vice-versa durante esta guerra — a maior da história — estreitando dest'arte os laços que sempre uniram estas duas nações. A viagem de Lisboa a Londres leva somente poucas horas. Transportam-se passageiros malas e frete. Viagem de avião — é rápido, confortável e conveniente — e reflete a importância de V. S. e do seu negócio

A passagem simples é de 2.750 escudos. Demais informações do representante da BRITISH OVERSEAS AIRWAYS, a/c James Rawes & Co., Rua Bernardino Costa 47, Lisboa; E. Pinto Basto & Cia. Ltda., Avenida 24 de Julho 1, Lisboa e todas as agências de viagens importantes

BRITISH OVERSEAS AIRWAYS



MUNDO GRÁFICO



O sorriso
confiante
da mulher inglesa
que trabalha
nas fábricas
de material de guerra